



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MARIA EVELINE SOUSA MACHADO

CONCEPÇÕES SOBRE O PERFIL DO BOM PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA

FORTALEZA – CE
2012

MARIA EVELINE SOUSA MACHADO

CONCEPÇÕES SOBRE O PERFIL DO BOM PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA

Monografia apresentada à
Coordenação do Curso de Graduação
em Pedagogia da Universidade Federal
do Ceará, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Dra. Silvia
Helena Vieira Cruz

FORTALEZA – CE

2012

MARIA EVELINE SOUSA MACHADO

CONCEPÇÕES SOBRE O PERFIL DO BOM PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA

Monografia apresentada à
Coordenação do Curso de Graduação
em Pedagogia da Universidade Federal
do Ceará, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Dra. Sílvia
Helena Vieira Cruz

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

—

Profa. Dra. Sílvia Helena Vieira Cruz (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

—

Profa. Dra. Rosemeire Costa de Andrade Cruz
Universidade Federal do Ceará

—

Profa. Ma. Ticiania Santiago de Sá
Universidade Federal do Ceará

Dedico este trabalho a Deus, por ter sido meu grande condutor nessa jornada e por mostrar-se presente, sempre ao meu lado. Foi em Deus que encontrei, encontro e, sempre encontrarei minha fortaleza e vitória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo seu amor incondicional, por ter me guiado sempre pelo melhor caminho e ter me dado forças para seguir em frente em todos os momentos de minha vida. Sem ele eu nada sou. Obrigada Senhor, por mais essa vitória concedida!

Agradeço profundamente à minha querida e amada avozinha (Luzia Machado) pelas palavras de conforto nos momentos em que mais precisava, pela paciência, pelo exemplo de vida e pelas orações feitas a Deus dirigidas a mim. Muito obrigada por ser meu porto seguro, minha melhor amiga.

Agradeço eternamente aos meus pais (Fátima e Edmilsom Machado) por terem dedicado todo amor, carinho e atenção a mim durante toda a vida. Por terem me dado uma boa educação, sempre me incentivando a seguir o caminho da honestidade, do respeito e da verdade.

Agradeço também às minhas primas queridas Rosie, Meirinha, Sulany e Aliciah (prima e afilhada) pelo incentivo e parceria. Adoro todas vocês!

Sou muitíssimo grata às minhas amigas da faculdade, Thatyanny, Eliana, Angelina, Brena, Nayana, por todo o apoio e cumplicidade, e em especial à minha grande amiga, quase irmã Marília, a quem serei eternamente grata pelo enorme incentivo, força, dedicação e contribuição dada. Jamais esquecerei sua mão estendida quando eu mais precisava. Muito, muito Obrigada por tudo! Levo vocês em meu coração.

Não poderia deixar de agradecer a todos os professores que passaram pela minha

jornada escolar e acadêmica. Todos contribuíram com meu sucesso. Gostaria de fazer agradecimentos especiais a alguns professores: à minha professora alfabetizadora Cléia Lopes, à minha professora do ensino fundamental Maria Suely, à minha professora (e madrinha) do ensino médio Marta Júlia, às minhas professoras universitárias Ana Iório, Rosemeire Andrade, Eliacy Saboya, aos professores Hector Hugo, Bodião, Paulo Barguil e é claro, à minha orientadora Silvia Helena que, com muita paciência e atenção dedicou muito de seu valioso tempo à orientação detalhada deste trabalho.

Quero também agradecer a três amigos que me serviram como exemplo de dedicação aos estudos: Camila Fontenele, Deníz Machado e Isaias Costa. Talvez elas não saibam, mas a determinação de ambos me inspira a seguir na trajetória acadêmica. Obrigada pessoal!

O meu agradecimento à Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza por ter consentido realizar minha pesquisa em uma escola da rede pública de ensino.

Obrigada ao grupo gestor e corpo docente da escola, a qual realizei a pesquisa, pela disponibilidade e acolhimento. Agradeço especialmente às professoras da Educação Infantil que se disponibilizam a realizar a entrevista. Vocês foram as estrelas do meu trabalho. Obrigada!

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus alunos. As crianças do reforço escolar, do catecismo, dos quatro estágios que fiz e da atual escola onde trabalho. Eles também exerceram papel fundamental na minha trajetória acadêmica.

E por fim, agradeço a todos aqueles que, mesmo não estando mencionados aqui, contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão dessa etapa.

Muito Obrigada a todos!

“Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem a serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender.” ([Augusto Cury](#)).

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar a concepção que as professoras de uma pré-escola da rede pública de Fortaleza possuem sobre o que é ser um bom professor. Através deste, procuramos oportunizar uma reflexão crítica sobre o perfil do professor da pré-escola. A pesquisa é de cunho qualitativo, e para alcançarmos nossos objetivos consideramos como instrumento ideal a entrevista semi-estruturada, por proporcionar uma maior interação entre entrevistador e entrevistado, além de oferecer maior flexibilidade. Desta forma, foram realizadas entrevistas com quatro professoras de pré-escola de uma instituição da rede municipal de ensino de Fortaleza. Todas as entrevistadas são graduadas em Pedagogia. Diante dos questionamentos, as professoras esboçavam segurança em suas respostas, embora em alguns momentos fosse necessário fazer pausas para reflexão, na tentativa de responder de forma mais compreensível. Um aspecto bastante relevante e que levantou pontos em comum entre duas das professoras foi a concepção de Educação Infantil como uma etapa preparatória para a fase adulta. O único aspecto em comum entre as respostas das quatro professoras foi o fato de valorizarem o desenvolvimento da criança, mesmo o

percebendo de forma integral ou não. As contradições entre uma resposta e outra também chama a atenção. Apenas uma das professoras entrevistadas enfatiza explicitamente e constantemente a importância de o professor valorizar o desenvolvimento integral da criança, tendo que, além disso, ser um profissional estudioso, pois, segundo suas ideias, o estudo nortearia a prática de forma eficaz. Contudo, houve muitas diferenças em seus pontos de vista relacionados ao perfil do bom professor da pré-escola. Podemos dizer, portanto, que não houve homogeneidade entre suas concepções. Exemplos dessa heterogeneidade se evidenciam em respostas dadas referentes ao papel do professor, ao perfil do professor e ao desestímulo enfrentado por estes.

Palavras-chaves: Perfil do professor. Pré-escola. Concepções de bom professor. Educação Infantil.

ABSTRACT

This study aims to analyze the conception that the teachers of a pre-public school in Fortaleza have about what being a good teacher. Through this, we create opportunities critical reflection on the profile of pre-school teacher. The research is qualitative, and to achieve our goals we consider as an ideal instrument to semi-structured interview, to provide greater interaction between interviewer and interviewee, and provide greater flexibility. Thus, interviews were conducted with four teachers from pre-school institution of a municipal school of Fortaleza. All interviewed are graduated in Pedagogy. To the questions, the teachers outlined safety in their responses, although at times it was necessary to pause for reflection in an attempt to respond more understandable. A very relevant aspect and raised points in common between two of the teachers was the concept of childhood. And early childhood education as a preparatory step to adulthood. The only aspect in common between the responses of

four teachers was that they value the child's development, even realizing fully or not. The contradictions between one answer and another also draws attention. Only one of the teachers interviewed explicitly and constantly emphasizes the importance of the teacher to enhance the development of the child, and that, moreover, be a professional scholar, because, according to his ideas, the study would guide the practice effectively. However, there were many differences in their views concerning the profile of the good teacher of preschool. We can therefore say that there was much homogeneity between their conceptions. Examples of this heterogeneity is evident in responses regarding the role of the teacher, teacher profiles and disincentives faced by them.

Keywords: Profile of the teacher. Preschool. Conceptions of the good teacher. Education childhood.

SUMÁRIO

- **INTRODUÇÃO**
.....9
- **METODOLOGIA**
.....12
- **A PRÉ-ESCOLA E O PROFESSOR.....15**
- **A pré-escola: suas características e**

funções.....	15
• A qualidade na educação infantil e o papel do professor.....	17
3.3 A profissionalidade específica do professor de Educação Infantil	23
• A formação do professor de Educação Infantil	24
• AS CONCEPÇÕES SOBRE O PERFIL DE BOM PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA.....	28
• CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE – A ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS DA PRÉ-ESCOLA	44
APÊNDICE – B TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

A ideia de realizar um trabalho sobre essa temática surge da necessidade de se buscar a qualidade na Educação Infantil, em especial na pré-escola da rede pública, isso por acreditar que um dos fatores fundamentais para se obter a qualidade almejada seja o perfil satisfatório do professor. Além desse fator há muitos outros que contribuem para a qualidade em creches e pré-escolas, como: a proposta pedagógica, a organização do espaço físico, a disposição de brinquedos em quantidade suficiente, disponibilidade de materiais diversos a serem utilizados pelas crianças, a variedade de atividades oferecidas, alimentação saudável, etc. Porém seria quase insignificante numa pré-escola haver tudo isso e não haver um bom professor.

Mas, afinal, o que seria um bom professor de pré-escola? O que pensam os próprios professores sobre essa questão? O que os mesmos fazem em busca da qualidade? Essa e outras questões serão analisadas e respondidas no decorrer do presente trabalho.

O professor da pré-escola que é graduado recebe em sua formação aparatos teóricos e práticos que o auxiliarão no futuro exercício de sua profissão. O conhecimento, e contato com a literatura infantil, a utilização da ludicidade em sua prática e o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil são apenas alguns dos saberes necessários que o professor adquire em sua formação. Mesmo com essa bagagem há muitos professores que atuam de modo insatisfatório, seja na rede pública ou privada. Isso seria fruto de uma má formação? E quanto aos professores que

exercem a profissão tendo o mínimo de escolaridade exigida pela LDB para atuar na Educação Infantil (nível médio na modalidade normal), estariam estes desempenhando bem seus papéis?

Ao refletir um pouco sobre essas questões logo percebemos o quanto a qualidade na Educação Infantil está associada à formação dos professores, já que o perfil destes, dos professores, são considerados aqui como o aspecto chave para o processo de construção da qualidade na pré-escola.

Segundo Zabalza (1998, p.49), na Educação Infantil há dez aspectos fundamentais que devem ser analisados ao se tratar da qualidade. Entre os tais estão estes: Organização dos espaços, atenção privilegiada aos aspectos emocionais, utilização de uma linguagem enriquecida, rotinas estáveis, materiais diversificados e polivalentes, atenção individualizada a cada criança.

Após explicar cada um dos dez aspectos, o autor tenta mostrar que o conceito de qualidade não é universal.

A qualidade tem muitas leituras e pode ser analisada de pontos de vista muito diferentes. O fato de aceitar que se trata de um tema de grande relevância não nos deve fazer esquecer como é fácil ter uma ideia completa o suficiente de qualidade para que seja aplicada no âmbito educativo. É conveniente, portanto sermos prudentes na hora de propor estratégias de melhoria da qualidade das escolas (ZABALZA,1998, p. 55).

Nessa citação fica claro que, apesar de todos nós termos um conceito próprio de qualidade na educação, não é conveniente termos essa nossa ideia como a verdade soberana ou absoluta. É preciso que saibamos entender que não há esse olhar único. As divergências acerca da qualidade precisam ser explicitadas e, como afirma Bondioli (2004), “negociadas” entre os diversos atores sociais.

Sabemos que os propósitos (características fundamentais) da Educação Infantil são: o cuidar e o educar; duas características que se complementam e por isso não devem ser separadas. Porém, é comum vermos nitidamente ainda tal separação em diferentes instituições de educação infantil.

Maria Malta Campos (1994) faz uma abordagem sobre o perfil do profissional da Educação Infantil relacionando-o com a qualidade no atendimento às crianças pequenas. O que se percebe é que há a dissociação entre o cuidar e o educar. As instituições que atendem os filhos das classes menos favorecidas geralmente

dispõem de um trabalho mais voltado para os cuidados básicos com as crianças, como: higiene, alimentação, sono, etc. Já aquelas instituições que atendem os filhos das classes mais favorecidas trabalham com o olhar mais voltado para o aspecto pedagógico de educar. Ou seja, enquanto a primeira exerce uma função assistencial de “guarda” (“guardiã”) a segunda exerce a função educacional de preparar as crianças para o ensino fundamental. “Quando pensamos no perfil profissional do professor de educação infantil que queremos, é preciso antes caracterizar os objetivos que desejamos alcançar com as crianças.” (CAMPOS, 1994, p.32).

Campos (1994) deixa claro que o perfil ideal de professor de crianças depende muito daquilo que desejamos atingir com as próprias crianças; ou seja, se o desejado é que as crianças tenham desde cedo contato com as letras e os números, supostamente o professor ideal para isso seria aquele que enfatizasse o aspecto educacional. Mas, se por outro lado deseja-se apenas que as crianças estejam protegidas em um ambiente em que cuidem delas evitando que se machuquem, cuidando da sua higiene, alimentação, o ideal seria supostamente o professor que atua em instituições assistenciais onde o foco principal está no cuidar. Porém, como já foi anteriormente enfatizado, o aspecto cuidar que provém da concepção assistencial e o educar que vem da concepção educacional devem estar integrados, portanto, um bom professor da Educação Infantil seria aquele que respeitasse esse caráter integrado entre o cuidar e o educar, sempre se lembrando do objetivo principal da educação infantil que é o desenvolvimento integral da criança.

A partir desses argumentos, no decorrer deste trabalho serão mostrados outros aspectos relacionados ao perfil do bom professor que influenciam na obtenção da qualidade na pré-escola de acordo com as concepções dos próprios professores de pré-escola da rede pública de Fortaleza. Além disso, serão tratadas questões a respeito da função da pré-escola e à formação dos professores da pré-escola.

O trabalho foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas e entrevistas com professores de uma pré-escola da rede pública de Fortaleza. Tudo isso foi feito com o objetivo de analisar a concepção que professores de pré-escola da rede pública de Fortaleza possuem sobre o que é ser um bom professor, além de entender como o perfil do professor pode influenciar na construção da qualidade em instituições de Educação Infantil.

É nosso desejo que este trabalho possa oportunizar uma reflexão crítica sobre a concepção que os professores de uma pré-escola da rede pública de Fortaleza possuem sobre o que é ser um bom professor.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste em um importante processo na elaboração de trabalho de conclusão de curso (TCC), assim como em qualquer outro tipo de trabalho acadêmico, pois é através dela que será possível ao pesquisador escolher as maneiras de organizar toda a coleta de dados, analisar e avaliar as informações obtidas, com a finalidade de encontrar soluções para o problema da pesquisa.

Segundo Pinto (2010) a metodologia seria a aplicação do método através de técnicas. Essa definição é bem compreendida através da citação seguinte, onde a autora define método e técnica:

O método é o caminho ordenado e sistemático, a orientação básica para se chegar a um fim e técnica é a forma de aplicação do método... Tem-se então o método como estratégia e as técnicas como táticas necessárias para se operacionalizar a estratégia. (PINTO, 2010, p. 64)

No caso desta pesquisa, a técnica utilizada a fim de encontrar respostas para o problema de investigação foi a entrevista, no intuito de conhecer e analisar a concepção que os professores de uma pré-escola da rede pública de Fortaleza possuem sobre o perfil de bom professor da pré-escola.

A metodologia usada na pesquisa foi de cunho qualitativo, pois ocorreu o contato direto entre pesquisador e entrevistado e a coleta de dados foi predominantemente descritiva, o que, segundo Lüdke e André (1986), caracteriza a pesquisa qualitativa. A pesquisa se deu de forma semiestruturada já que, pretendia-se realizar a entrevista partindo de um esquema básico (roteiro) que nortearia a pesquisa, mas que não seria aplicado de forma rígida e sim flexível, o que, segundo as autoras, permite que o entrevistador faça as necessárias adaptações.

O registro da entrevista foi realizado por meio de anotações e gravação de voz. A escolha definitiva da forma de registro só foi feita com o consentimento das professoras entrevistadas. De qualquer forma foi garantido às entrevistadas o direito de preservar sua identidade, por meio de nomes fictícios.

A escolha desse tipo de metodologia surgiu da necessidade de coletar informações de modo detalhado para que através destas fossem respondidos os questionamentos feitos acerca do perfil do bom professor da pré-escola. Segundo Lüdke e André (1986), a entrevista, além de possibilitar a coleta mais detalhada de informações, permite correções, esclarecimentos e alterações havendo assim uma maior interação entre pesquisador e entrevistado, o que faz com que a entrevista ganhe vida.

Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, como na observação unidirecional, por exemplo, ou na aplicação de questionários ou de técnicas projetivas, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.33)

A instituição escolhida para a realização da pesquisa está localizada no centro da cidade e é considerada uma boa escola da rede pública. Nela funcionam oito turmas de educação infantil, estando divididas segundo a faixa etária das crianças em creche e pré-escola. Como o foco da pesquisa não é a Educação Infantil de forma geral, mas sim a pré-escola, entrevistamos quatro professoras atuantes nessa etapa educacional. Esse foi o único critério utilizado para a escolha das professoras a serem entrevistadas.

A vice-diretora da escola foi quem nos levou até a primeira professora que se disponibilizou a fazer a entrevista. Esta aceitou a gravação de voz sem demonstrar

problema algum. Antes de iniciarmos, lhe informamos que o procedimento seria rápido, que duraria aproximadamente dez minutos e que sua identidade seria totalmente preservada, havendo assim a necessidade da criação de um nome fictício, cuja escolha ficou ao meu critério.

No decorrer da entrevista, pudemos perceber certa confusão entre palavras, vez ou outra, o que poderia ser consequência de um sutil nervosismo. Contudo, concluímos o trabalho dentro do tempo estipulado e de forma satisfatória.

O mesmo procedimento foi usado com as demais professoras e o resultado também foi satisfatório. Porém, uma das entrevistas teve que ser refeita, por razões de falhas técnicas, as quais tiveram como consequência que o conteúdo da entrevista não foi salvo no gravador.

Vale ressaltar que as entrevistas foram feitas em dias separados. A cada dia que a escola nos disponibilizava, realizávamos a entrevista com uma professora. Ao todo foram cinco idas à escola com essa finalidade.

Tivemos o cuidado de realizar as quatro entrevistas em um local calmo e livre de barulhos que viessem a atrapalhar o andamento do procedimento.

Ao término dessa primeira parte do trabalho obtivemos os seguintes dados: todas as quatro professoras formaram-se em pedagogia; três delas formaram-se em universidade particular e apenas uma formou-se em universidade pública; das quatro, três são pós-graduadas; três já atuam há mais de cinco anos na Educação Infantil, apenas uma está atuando pela primeira vez nesta etapa; todas já atuam há mais de dez anos na educação.

Na segunda parte do trabalho, ao finalizarmos cada entrevista, transcrevemos as falas originais das professoras. Esse foi um trabalho bastante minucioso e demorado, mas necessário, e, ao fim, bem gratificante.

A terceira e última parte foi marcada pela análise dos dados. Tivemos, portanto, que primeiramente organizar o material obtido a fim de identificar os pontos mais relevantes nas respostas das professoras acerca do tema abordado. Para tanto, construímos tabelas destinadas a tais respostas das entrevistadas a cada questionamento feito. Fomos então, a partir dessa estratégia organizacional, construindo o texto de análise, o qual nos permitiu ter uma visão geral da concepção

que as professoras entrevistadas possuíam acerca do perfil do bom professor da pré-escola. Assim, atingimos nosso objetivo por intermédio da pesquisa qualitativa, tendo como técnica a entrevista semiestruturada.

3. A PRÉ-ESCOLA E O PROFESSOR

Neste capítulo, serão destacadas algumas informações referentes à pré-escola, a fim de possibilitar uma compreensão maior acerca das funções que tem assumido e, como consequência, da função atribuída ao professor que atua nesta etapa da Educação Básica enfocada neste trabalho. Também serão trazidas aqui contribuições de alguns autores acerca da qualidade na Educação Infantil, destacando a importância do professor para a promoção desta qualidade e ainda aspectos considerados importantes para a formação deste profissional.

Mais adiante apresentaremos um quadro de análise construído por Júlia Oliveira-Formosinho, onde são analisadas as características específicas desta profissão.

3.1 A pré-escola: suas características e funções

Como o próprio nome revela, pré-escola é a etapa que antecede a escola e é considerada, juntamente com a creche, como a primeira etapa da educação básica do Brasil. A creche (que atende crianças de 0 a 3 anos) e a pré-escola (que atende crianças de 4 a 5 anos) são as etapas que compõem a educação infantil. Atualmente a creche diferencia-se da pré-escola fundamentalmente pela faixa etária das crianças, mas nem sempre foi assim.

Falando de maneira geral, a preocupação com a educação infantil só surgiu no século XVII. Antes disso a criança era vista como adulto em miniatura, não tendo, portanto, suas peculiaridades consideradas. Foi no século XVII, mais precisamente no ano de 1657 que Comênio trouxe a ideia revolucionária da didática Magna, a qual se organizava em quatro períodos considerando os anos de desenvolvimento: a infância, puerícia, adolescência e juventude.

Comênio atribuiu aos pais o dever de educar a criança, já que considerava a infância como sendo uma das fases mais importantes da vida.

Todos os ramos principais que uma árvore virá a ter, ela fá-los despontar de seu tronco, logo nos primeiros anos, de tal maneira que, eles cresçam e se desenvolvam. Do mesmo modo, todas as coisas que queremos instruir a um homem para utilidade de toda a vida, deverão ser-lhe plantadas logo

nesta primeira escola. (COMÊNIO, apud ALMEIDA, 2008)

Segundo Comênio, na educação materna a criança até os 6 anos de idade deveria aprender ou ter contato com conteúdos de metafísica, ciências físicas, ópticas, astronomia, geografia, cronologia, história, aritmética, geometria, estatística, artes, mecânica, dialética, gramática, retórica, poesia, música, economia doméstica, política, religião e da piedade. Muitos desses conteúdos contribuíram para a atual proposta que defende o desenvolvimento integral da criança e a interdisciplinaridade.

Além de Comênio, outros grandes teóricos, como Rousseau, Froebel e Montessori, influenciaram a educação infantil através de suas ideias, mais precisamente a pré-escola.

Com o passar dos séculos as concepções de criança e de educação foram mudando e conseqüentemente a preocupação com a infância e a educação aumentou. Porém, isso não quer dizer que, por a preocupação com a educação infantil ter aumentado, tenha aumentado também a preocupação com a qualidade no atendimento educacional das crianças. Esse fato é até hoje vítima do descaso e desvalorização por parte do Estado.

Segundo Kuhlmann Jr (1998), o atendimento às crianças pequenas no Brasil teve início em 1870, porém o objetivo maior desse atendimento era combater a alta taxa de mortalidade infantil da época, ou seja, não se tinha o interesse na educação dessas crianças. Até porque o serviço oferecido destinava-se em maior escala às crianças de famílias menos favorecidas, o que resultaria na continuação da hierarquia existente entre as classes sociais.

A visão jurídica e policial acerca da infância desditosa, desvalida ou moral e materialmente abandonada transformava esse atendimento numa forma de evitar a criminalidade, preocupação relacionada com o desejo de promover a tranquilidade das elites. (CRUZ, 2005, p.138).

Vemos, portanto, que o real interesse pela Educação Infantil era uma forma “camuflada” de atender as demandas da elite, mantendo assim os pobres em condição de subalternidade. Vale ressaltar que essa ideia era compartilhada com a Igreja católica, a qual defendia os interesses da elite.

Durante o século XX foram criados vários órgãos que defendiam a assistência às crianças. Desde a década de 1940 até os dias de hoje vem surgindo órgãos que atuam nesse ramo. É importante destacar que foi entre a década de 1970 a

1980 que esse atendimento às crianças pequenas se expandiu, sendo que somente nos anos 80 é que o estado brasileiro passou a pensar verdadeiramente em uma política voltada para a Educação Infantil.

Segundo Rosenberg (1997), o programa Educação pré-escolar: uma nova perspectiva nacional, elaborado pelo MEC, em 1975, traduziu as recomendações do Fundo das Nações Unidas para a Infância. UNICEF para que os chamados países subdesenvolvidos buscassem novas alternativas para o atendimento à criança pequena, visando diminuir os custos para o atendimento de um maior número de crianças, o que deveria acontecer principalmente através da utilização de espaços já existentes e do trabalho voluntário da família e da comunidade. A adoção dessas soluções informais e parcialmente assumidas pela família comprometeu muito a qualidade dos serviços oferecidos. (CRUZ, 2005, p. 142)

É fato que, desde a implementação da proposta de Educação Infantil pré-escolar no Brasil as autoridades políticas têm desconsiderado e desvalorizado a importância do atendimento de qualidade nas instituições voltadas para essa etapa da educação básica, já que, para evitar gastos era proposto às próprias famílias cuidarem desse atendimento, não tendo, dessa forma, a mínima preocupação com a formação e os conhecimentos que tais pessoas tinham acerca do cuidado e educação das crianças. Tal atitude é considerada hoje como um dos maiores fatores que contribuíram para uma educação insatisfatória voltada para as crianças pequenas.

Ao falarmos em educação pré-escolar em âmbito mundial, veremos que alguns fatos presentes no histórico da educação infantil brasileira também se fizeram presente no histórico da educação infantil de outros países, inclusive em países desenvolvidos. Um dos mais marcantes deles é a diferenciação no atendimento às crianças de acordo com sua classe social.

Em uma perspectiva histórica brasileira da Educação Infantil, vemos ainda nos dias atuais características retrógradas relacionadas a essa etapa da educação. Muitos ainda veem a creche e a pré-escola como tendo funções de guarda (visão assistencial) e ou etapa preparatória para o ensino fundamental (visão cognitivo-educacional). Essa primeira concepção refere-se mais particularmente à educação destinada às crianças de famílias pertencentes a classe social menos favorecida, já a segunda concepção refere-se às crianças de famílias pertencentes a classe social mais favorecida.

É de grande importância ressaltar a verdadeira função da Educação Infantil, que é a de buscar o desenvolvimento integral das crianças. Função essa que

só será, de fato, alcançada tendo professores bem preparados para atuar nessa primeira etapa da Educação Básica.

3.2 A qualidade na educação infantil e o papel do professor

Apresentaremos aqui as ideias de Zabalza (1989) referentes à Educação Infantil de qualidade, bem como a importância do papel do professor na promoção desta qualidade.

“O direito à Educação Infantil inclui também o direito a uma educação de qualidade, que contemple as necessidades da criança pequena.” (CRUZ, 2006)

Antes de falarmos ao direito à Educação Infantil de qualidade, faz-se necessário frisar o objetivo principal dessa primeira etapa da educação básica que é a promoção do desenvolvimento integral da criança, onde devem ser contemplados os aspectos físico, cognitivo, psicológico, afetivo e motor.

A Educação Infantil é um direito assegurado pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Embora seja a primeira etapa da educação básica, não é obrigatória. Mas será que o fato de essa primeira etapa da educação básica não ser obrigatória justifica a baixa qualidade oferecida no atendimento educacional às crianças pequenas?

A Educação Infantil, por ser um direito, independentemente de sua obrigatoriedade deve ser oferecida com qualidade, qualidade essa que depende muito do professor, pois é ele quem deve conhecer as necessidades das crianças, o objetivo fundamental da Educação Infantil, que é o desenvolvimento integral da criança, e os meios para alcançar tal objetivo. Nisso começamos a perceber o quanto a qualidade na educação infantil está associada ao papel do professor.

Segundo Zabalza (1989) existem dez aspectos fundamentais para a qualidade na educação infantil.

O primeiro é a organização dos espaços; segundo Zabalza (1989), estes espaços precisam ser amplos e diferenciados para que as atividades diárias das crianças ocorram em um espaço rico em possibilidades, onde possam ser realizadas atividades individuais, de livre escolha da criança ou atividades conjuntas (grupais),

como por exemplo: dramatizações, atividades rítmicas, etc. “O espaço acaba tornando-se uma condição básica para poder levar adiante muitos outros aspectos-chave”. (ZABALZA, 1998, p.50).

O segundo aspecto é o equilíbrio entre iniciativa infantil e trabalho dirigido no momento de planejar e desenvolver as atividades. Nesse aspecto o autor enfatiza a necessidade de haver um equilíbrio entre a iniciativa infantil (aquela que geralmente não se apresenta no currículo) e o trabalho dirigido (aquele que segue o currículo).

A pressão do currículo não pode substituir, em nenhuma situação, o valor educativo da autonomia e da iniciativa própria das crianças. Mas, ao mesmo tempo, os professores (as) também precisam planejar momentos nos quais o trabalho esteja orientado para o desenvolvimento daquelas competências específicas que constam na proposta curricular. (ZABALZA, 1998, p.50).

O terceiro aspecto-chave é a atenção privilegiada aos aspectos emocionais.

Não apenas porque nesta etapa do desenvolvimento os aspectos emocionais desempenham um papel fundamental, mas porque, além disso, constituem a base ou a condição necessária para qualquer progresso nos diferentes âmbitos do desenvolvimento infantil. Tudo na educação infantil é influenciado pelos aspectos emocionais: desde o desenvolvimento psicomotor, até o intelectual, o social e o cultural. (ZABALZA, 1998, p. 51).

Diante dessa ideia, percebemos a tamanha importância de se dar atenção aos aspectos emocionais das crianças, pois é o fator emocional que influencia os demais fatores do desenvolvimento infantil. Ao professor (a) cabe dar oportunidades para que as crianças possam expressar suas diferentes emoções, assim, ao passo que as próprias crianças vão conhecendo-as vão também aprendendo a controlá-las pouco a pouco.

O quarto aspecto sugere a utilização de uma linguagem enriquecida a qual possibilite a criança construir e organizar seu pensamento. O professor deve estimular as crianças a falarem, e assim iram ampliando suas capacidades linguísticas.

Qualquer oportunidade é boa para exercitar a linguagem. Mas exercitá-la não é o suficiente; a ideia fundamental é aperfeiçoá-la, buscar novas possibilidades de expressões (vocabulário mais preciso, construções sintáticas mais complexas, dispositivos expressivos e referências cada vez mais amplas, etc.). Neste sentido, a interação com os educadores é fundamental. (ZABALZA, 1998, p. 51).

O quinto aspecto sugere a diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades. Como afirma o autor,

Embora o crescimento infantil seja um processo global e interligado, não se produz nem de maneira homogênea nem automática. Cada área do

desenvolvimento exige intervenções que o reforcem e vão estabelecendo as bases de um progresso equilibrado do conjunto. (ZABALZA, 1998, p.52)

Esse aspecto, assim como os demais, colabora grandemente com a concretização do objetivo da educação infantil, que é o desenvolvimento integral da criança. Porém esse, particularmente, é o que dá maior subsídio para que o objetivo da educação infantil, bem como a construção de sua qualidade seja realizado.

O sexto aspecto é referente às rotinas estáveis. Essa estabilidade na rotina além de ajudar na organização das atividades cotidianas ajuda também na construção das noções de temporalidade das crianças, Conforme alerta o autor,

As rotinas atuam como as organizadoras estruturais das experiências cotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda substituem a incerteza do futuro (principalmente em relação às crianças com dificuldade para construir um esquema temporal de médio prazo) por um esquema fácil de assumir. O cotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia. (ZABALZA, 1998, p.52)

O sétimo aspecto se refere aos materiais diversificados e polivalentes. Esse aspecto é essencial para que o terceiro, quarto e quinto aspecto seja trabalhados de forma satisfatória, pois fazendo uso de diversos materiais a criança é estimulada a expressar suas emoções, enriquecer sua linguagem e ampliar suas possibilidades de ação. Tudo isso contribui com seu desenvolvimento integral.

Costuma-se dizer que uma das tarefas fundamentais de um professor (a) de educação infantil é saber organizar um ambiente estimulante e possibilitar às crianças que assistem essa aula terem inúmeras possibilidades de ação ampliando, assim, as suas vivências de descobrimento e consolidação de experiências (de aprendizagens, afinal). (ZABALZA, 1998, p.53)

O oitavo aspecto diz respeito a atenção individualizada a cada criança. O professor da educação infantil deve dar atenção individualizada a cada criança, mas pelo fato de haver tantas crianças em sala, essa torna-se uma tarefa quase impossível. Impossível no sentido de dar atenção individualizada o tempo todo, mas perfeitamente possível no sentido de estabelecer contato individual vez ou outra com cada criança. “A atenção individualizada está na base da cultura da diversidade. É justamente com um estilo de trabalho que atenda individualmente às crianças que poderão ser realizadas experiências de integração. (ZABALZA, 1998, p. 53)

O nono aspecto enfoca os sistemas de avaliação, anotações, etc., que permitam o acompanhamento global do grupo e de cada uma das crianças.

Todo professor de Educação Infantil sabe que a forma ideal de realizar a avaliação é através de registros, onde deverá constar as características dos progressos alcançados pelas crianças. Além disso, Zabalza (1998) ressalta a importância do planejamento e avaliação dos processos (a forma como cada criança vai progredindo no seu desenvolvimento global) e destaca ainda os dois tipos de análises que devem ser realizadas durante o acompanhamento global do grupo e de cada uma das crianças: a primeira análise deve considerar os espaços, materiais e atuação do próprio docente, analisando assim o funcionamento do grupo em seu conjunto. A segunda análise investiga o processo individual de cada criança, através de constatações periódicas.

O décimo aspecto é o trabalho com os pais e com o meio ambiente (escola aberta). O autor afirma que:

Esse tipo de participação enriquece o trabalho educativo que é desenvolvido na escola (a presença de outras pessoas adultas permite organizar atividades mais ricas e desenvolver uma atenção mais personalizada com as crianças), enriquece os próprios pais e mães (vão sendo conhecidos aspectos do desenvolvimento infantil, descobrindo características formativas em materiais e experiências, inclusive o jogo, conhecendo melhor os filhos, aprendendo questões relacionadas a forma de educar) e enriquece a própria ação educativa que as famílias desenvolvem depois em suas casas. Também os professores (as) aprendem muito com a presença dos pais e das mães, ao ver como eles enfrentam os dilemas da relação com crianças pequenas. (ZABALZA, 1998, p.54)

Esse aspecto é de suma importância na educação infantil, já que segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Base) essa primeira etapa da educação básica far-se-á como complemento à ação educativa da família. Portanto, se ter uma educação de qualidade é o que realmente queremos, devemos lutar para que esse trabalho (que na verdade é uma troca) com os pais em conjunto com a escola seja cada vez mais fortalecido e valorizado em nome de uma melhor educação para nossas crianças.

Após explicar cada um dos dez aspectos o autor tenta mostrar que o conceito de qualidade não é universal.

Todos os aspectos enfocados por Zabalza (1998) são evidentemente e inegavelmente necessários na Educação Infantil. E para que todos eles sejam respeitados, devidamente cumpridos a fim de melhorar cada vez mais a educação voltada para as crianças pequenas (zero a cinco anos), deve haver um trabalho conjunto entre todos que fazem parte da escola, tendo uma finalidade em comum advinda de um conceito de qualidade em comum. Até porque não faria sentido o

grupo ter um certo ideal de qualidade enquanto os professores têm outro. Isso resultaria numa prática educativa confusa e contraditória. Além de tudo isso vale reforçar que na Educação Infantil, a escola, juntamente com os professores não são o suficiente para se obter a qualidade almejada, que atenda as necessidades da criança e que contribua com seu desenvolvimento integral, é preciso que a família trabalhe junto, acompanhando de perto a evolução dos filhos, como é enfatizado no décimo aspecto-chave de uma educação infantil de qualidade, por Zabalza (1998).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também chama a atenção para a necessidade de participação da família no processo educativo das crianças, ao afirmar no parágrafo único do artigo 53, capítulo IV (Do direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer) que é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Peter Moss (2002) mostra uma ideia de qualidade na Educação Infantil concordante à ideia de Zabalza (1998), pois ambos afirmam que o conceito de qualidade não é universal. Moss (2002) defende que qualquer conceito de qualidade é relativo, sendo baseado em crenças e valores. Nas definições acerca da qualidade deve haver a participação de diferentes grupos (crianças, pais, parentes e profissionais da área), para que assim possa-se contar com a democracia. Para o autor, é importante também levar em consideração que a definição da qualidade deve ser vista como um processo dinâmico e contínuo.

Oliveira(2002) faz um importante comentário sobre o papel do professor na promoção da qualidade na Educação Infantil:

A participação direta do professor na elaboração do projeto educativo é condição indispensável para que este se efetive na medida em que, nesse processo participativo, ele reconstrói e interioriza valores e concepções possibilitando o desenvolvimento de novas competências para exercer seu trabalho com qualidade. (OLIVEIRA. 2002, p.37).

Oliveira tenta nos mostrar que o trabalho do professor não está somente ligado restritamente ao contato com as crianças e sua família, é preciso ir além disso. O professor deve participar ativamente da equipe escolar contribuindo com o projeto educativo da escola.

Para Kramer (1994) a qualidade na Educação Infantil relaciona-se diretamente com a formação dos profissionais e com a elaboração das alternativas

curriculares. “Falar em qualidade, porém, remete à temática da intervenção educacional com vistas ao aprimoramento do trabalho realizado e traz, mais diretamente, o problema da formação dos professores e do delineamento de alternativas curriculares.” (KRAMER, 1994, p. 20)

Sobre o papel do professor da educação infantil, Katz e Goffin (1990, p. 197, apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, 1997) afirmam que:

O papel dos professores das crianças pequenas se é, em muitos aspectos, similar ao dos outros professores, diferencia-se destes em aspectos importantes. Apresentam-se sete elementos que configuram a diferença entre uns e outros professores, a saber: âmbito alargado do papel da educadora de infância que deve assumir responsabilidade pelo conjunto total das necessidades das crianças e pelas correspondentes tarefas desenvolvimentais, a diversidade de missões e ideologias, a vulnerabilidade da criança, o foco na socialização, a relação com os pais, as questões éticas que relevam da vulnerabilidade da criança, o currículo integrado, pois nas suas próprias palavras “em princípio, quanto mais nova é a criança, mais alargado é o âmbito das responsabilidades pelas quais o adulto deve prestar contas da sua função” e mais alargado e diversificado é o âmbito das suas interações.

Estes autores frisam o papel alargado de funções que o professor da Educação Infantil precisa desenvolver, tendo em vista o desenvolvimento integral da criança. Dentre tais funções deve haver a estreita relação entre cuidar e educar, visto que esse deve ser considerado aspecto fundamental quando falamos em Educação Infantil, juntamente com o estabelecimento de interações entre adulto e criança.

3.3 A profissionalidade específica do professor de Educação Infantil

Para que o trabalho docente na pré-escola tenha êxito, faz-se necessário aos professores uma *profissionalidade específica*. Especificidade essa que distinguirá o papel do professor de Educação Infantil dos demais professores de outras etapas educacionais. Júlia Oliveira-Formosinho (1997) é quem nos fala sobre essa temática:

Evidentemente o papel dos professores de crianças pequenas é, em muitos

aspectos, similar ao papel dos outros professores, mas é diferente em muitos outros. Estes aspectos diferenciadores configuram uma profissionalidade específica do trabalho das educadoras de infância.

A profissionalidade específica a qual a autora refere-se se baseia nas características da criança pequena: globalidade, vulnerabilidade e dependência da família. Tais características requerem do profissional de Educação Infantil uma ampliação de responsabilidades. “Essa globalidade é constantemente invocada pelos formadores, administradores e pelos especialistas para requererem das educadoras um alargamento de responsabilidades pelo funcionamento da criança.” (Katz e Goffin, 1990)

Essas autoras afirmam ainda que há sobre a Educação Infantil uma grande diversidade de ideologias educacionais, ou seja, diferentes visões acerca da missão da educação pré-escolar. O que define essa como outra característica específica do trabalho educacional com crianças pequenas. Educação de crianças pequenas.

Além disso, a profissionalidade específica dos professores de Educação Infantil requer um estabelecimento de interações entre família e escola como uma integração de serviços, o que resulta numa complexidade de papéis e funções. “Podemos dizer assim que a interação, a vários níveis e a vários parceiros, está no coração da profissionalidade das educadoras.” (Oliveira-Formosinho, 1997, p. 88)

Tomando como base todas as ideias vistas sobre a profissionalidade específica do profissional da Educação Infantil, veremos um dos reais motivos de não termos ainda no Brasil uma Educação Infantil de qualidade satisfatória. Falta por parte dos nossos representantes políticos apoio ao que diz respeito a essa urgente e necessária luta pela profissionalidade específica do professor de Educação Infantil.

3.4 A formação do professor de Educação Infantil

A partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil – LDB ficou determinada qual deveria ser a formação mínima para os professores que atuam na Educação Infantil:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em cursos de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas cinco primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (LDB, 1996, título VI)

Esse é o critério básico que norteia a formação exigida para atuar na Educação Infantil, nas primeiras séries do ensino fundamental e no EJA (educação de jovens e adultos). “A formação do professor é reconhecida como um dos fatores mais importantes para a promoção de padrões de qualidade adequadas na educação, qualquer que seja o grau ou modalidade.” (BARRETO, 1994, p. 11)

Pensar em qualidade na educação requer levar em consideração a formação dos professores, pois a prática pedagógica destes é o reflexo da sua própria formação, ou seja, se a prática é considerada eficaz ou satisfatória, se deve isso, primeiramente ao fato de o professor ter tido uma boa formação, porém lembramos que apenas a boa formação não é o único elemento que constitui um bom professor. Veremos na análise, segundo as concepções das professoras da pré-escola, outros elementos essenciais ao bom professor.

Alguns fatos referentes à formação de professores da Educação Infantil são preocupantes. Segundo Barreto (1994) pesquisadores das instituições Fundação Carlos Chagas, Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro e universidades mostram que muitos dos professores da Educação Infantil não têm formação adequada, e especificamente os da pré-escola em grande parte não possuem sequer o ensino fundamental, ou seja, são leigos. O percentual de professores leigos atuando na pré-escola é de 18,9%, o de formados no ensino médio na modalidade normal é de 56,6% e o de formados em nível superior é de 17% (MEC/ SEF/ DPE/ COEDI, 1994).

A partir disso temos ideia do quanto a Educação Infantil é desvalorizada, vítima do descaso. Como pode uma pessoa leiga dar conta da complexidade da educação infantil, sendo que não teve acesso as teorias que fundamentam as práticas?

Para Pimenta (1994) há um critério básico na formação de professores, além das teorias: “o conhecimento (teórico-prático) da realidade (no caso, a Educação Infantil), antevendo as transformações necessárias e instrumentalizando-se para nela intervir”. (p. 44). Ou seja, ter conhecimentos teóricos e práticos é necessário e fundamental, porém, não é o suficiente. O professor precisa ter conhecimento também acerca do contexto de vida das crianças para que assim possa adequar sua prática a realidade das mesmas. Esse pressuposto tanto é válido para os professores com nível superior quanto para os com nível médio na modalidade normal, afinal, estes terão a área de atuação em comum, o que exige de ambos os mesmos conhecimentos e habilidades específicas.

É de suma importância destacar que o professor da Educação Infantil tem uma função específica: cuidar e educar. Essa função é o fundamento da Educação Infantil, por isso a formação dos profissionais atuantes nessa área deve estar diretamente relacionada a ela. “Se a Educação Infantil fundamenta-se no binômio educar/cuidar, a formação de seus profissionais deve também pautar-se nele.” (Brasil/MEC, 1994b. p.78, apud CRUZ, 1996, p.82).

Deve-se ressaltar que o cuidar e o educar são funções complementares e indissociáveis e que, além disso, favorece o desenvolvimento integral da criança. É precioso, portanto, que o professor esteja liberto da antiga e errônea concepção de hierarquia ligada às funções do professor e às funções da Educação Infantil, onde o profissional é mais prestigiado ou menos pela função que exerce. Por exemplo, o professor da creche (que atende crianças de 0 a 3 anos) é menos prestigiado que aquele da pré-escola (que atende crianças de 4 a 5 anos) pelo fato de se entender a creche como etapa restritamente ligada aos cuidados e a pré-escola como etapa ligada à educação. Sabemos, no entanto, que não há essa hierarquia, já que a função de educar e cuidar abrange toda a Educação Infantil, seja ela voltada para as crianças das classes sociais menos favorecidas ou para as das classes sociais mais favorecidas.

Os cuidados com a saúde, a proteção contra os perigos físicos, as relações afetivas estáveis, a compreensão e o apoio na aquisição de diversos tipos de habilidades estão entre as muitas necessidades de todas as crianças, independente da classe social à qual pertençam. (CAMPOS, apud CRUZ, 1996, p. 80)

Em sua formação, o professor aprende também sobre as questões

epistemológicas, as quais devem auxiliá-lo em sua atuação na Educação Infantil.

A respeito dos problemas referentes à formação, Kishimoto (2002) faz a seguinte afirmação: “Desde tempos passados, acumulam-se problemas na formação, em decorrência da pouca clareza do perfil profissional desejado nos cursos de formação propostos.” (KISHIMOTO, 2002, p. 107). Assim, vemos que a formação deficiente atual é consequência da falta de identidade do perfil do professor, no caso, do professor de Educação Infantil. Isso vem ocorrendo pela falta de respeito que se vem tendo acerca da Educação Infantil em suas especificidades. Muitas vezes os próprios cursos de formação chegam ao extremo absurdo de apresentarem práticas sem a mínima distinção entre Educação Infantil (0 a 5 anos) e o ensino fundamental I (6 a 9 anos), ou seja, não são levadas em consideração as especificidades de cada fase de desenvolvimento. Quando essa inadequação ocorre na Educação Infantil surge o que Kishimoto(1999) chama de “escolarização” na Educação Infantil. Esse termo pode ser traduzido como uma preparação de crianças pequenas (até 6 anos) para o ingresso no ensino fundamental, o que é um grande e absurdo equívoco.

O déficit na elaboração de currículos adequados para a Educação Infantil liga-se à má formação do profissional. Podemos compreender melhor essa questão a partir da seguinte afirmação:

A criança aprende quando brinca, mas os cursos de formação não incluem o brincar entre os objetos de estudo e, quando o fazem, não ultrapassam concepções teóricas que são insuficientes na construção de competências que possibilitem criar ambientes de aprendizagem em que o brincar seja estimulado. (KISHIMOTO, 2002, p. 109)

A partir da afirmação de Kishimoto (1999) pode-se refletir acerca da desarticulação entre teoria e prática nos cursos de formação, o que como consequência pode se refletir na má elaboração do currículo, por exemplo. Quando a autora fala que “a criança aprende quando brinca, mas os cursos de formação não incluem o brincar entre os objetos de estudo”, evidencia que muitas das teorias que são vistas durante os cursos de formação parecem não ter tanta importância na prática.

Outra dificuldade a ser superada nos cursos de formação de professores é o contato insuficientes com seus objetos de estudo principais, no caso, as crianças e suas realidades.

A tradição verbalista dos cursos de formação de professores coloca o aluno

em formação em contato com livros, no interior da universidade ou cursos de formação, mas pouco se vai à realidade, às escolas, para observar e aprender no contexto como se processa a relação ensino/aprendizagem. (KISHIMOTO,2002, p.109)

O ideal para a superação dessa dificuldade seria a disponibilização de maior tempo de estágio, para que assim o contato dos professores em formação com sua futura área de atuação fosse maior. Já para os que já atuam na área da educação, a formação continuada representa um rico caminho de aprendizagens, pois os professores, assim como os demais profissionais, precisam estar sempre se atualizando. A formação continuada permite que os professores aprendam novas maneiras de fazer e refletir sobre sua prática pedagógica.

Tais programas de formação continuada possuem também algumas problemáticas, como por exemplo, a inflexibilidade ou incompatibilidade das datas dos encontros com os dias e horários disponíveis dos professores. Em alguns desses cursos nem ao menos é dada ao professor o direito de escolher as áreas de seu interesse.

Ao professor deve ser oferecida a oportunidade de escolher o que gostará de ter em seu programa de formação. Ademais, é claro, de o professor merecer desfrutar de condições favoráveis à sua participação em cursos, seminários e oficinas, no seu horário de trabalho. (NICOLAU, apud MACHADO, 2002, p.201).

Havendo esse respeito para com o professor nos cursos de formação continuada, certamente não haverá tantas críticas equivocadas que apontam o professor como sendo desinteressado na função que exerce.

Um dos fatores mais importantes para a formação do professor de pré-escola é o contato com o aspecto lúdico. Este é um dos conhecimentos fundamentais para se trabalhar com crianças, pois é através do brincar que a criança aprende e se desenvolve de maneira natural.

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para o estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. (SANTOS e CRUZ, 1997, p.12)

O aprender brincando trás para a criança a oportunidade de perceber a

escola como um ambiente que lhe é familiar e agradável. Através de brincadeiras constantes e diversificadas as crianças terão prazer em aprender algo novo a cada dia.

Em SANTOS (1997), são destacadas importantes observações e contribuições que o trabalho com a ludicidade pode trazer. Vejamos:

-As atividades lúdicas possibilitam fomentar a “resiliência”, pois permitem a formação do autoconhecimento positivo;

-As atividades lúdicas possibilitam o desenvolvimento integral da criança, já que através destas atividades a criança se desenvolve afetivamente, convive socialmente e opera mentalmente;

-O brincar e o jogo são produtos de cultura e seus usos permitem a inserção da criança na sociedade;

-Brincar é uma necessidade básica assim como a nutrição, a saúde, habitação e educação;

-Brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio conhecimento;

- O jogo é essencial para a saúde física e mental;

- O jogo simbólico permite à criança vivências do mundo adulto e isso possibilita a mediação entre o real e o imaginário.

Nos cursos de formação de professores deve haver uma área voltada para o aspecto lúdico, no intuito de preparar profissionais para trabalhar realmente pensando no desenvolvimento integral da criança. A ludicidade é vista como o melhor meio de promover esse desenvolvimento. Para tanto é necessário que o professor tenha condições de saber como proceder com o aspecto lúdico de modo a favorecer tal desenvolvimento.

A ludicidade, assim como os outros elementos essenciais na formação devem servir como ferramentas para as práticas do professor, sendo que é desejável que estejam presentes também nos cursos de formação continuada, pois a formação

total não existe, é algo infinito que sempre precisará de um complemento.

Fazendo um paralelo entre um quebra-cabeça e a formação do educador, pode-se afirmar que, enquanto o primeiro se completa com o encaixe de todas as peças, o segundo jamais se completará, pois a formação profissional não se acaba com o término do curso, sempre faltará a peça seguinte. (SANTOS e CRUZ, 1997, p.12)

4. AS CONCEPÇÕES SOBRE O PERFIL DE BOM PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA

Este capítulo do trabalho trata de analisar as entrevistas realizadas com as professoras da pré-escola de uma instituição pública de ensino do município de Fortaleza. Para tanto, apresentaremos as respostas dadas aos questionamentos feitos a fim de compreendermos melhor as concepções das professoras entrevistadas acerca do perfil do bom professor da pré-escola.

Todas as entrevistadas são graduadas em pedagogia e três delas possuem pós-graduação em áreas diversificadas (educação ambiental, alfabetização e administração escolar), sendo que a professora Ana, ainda não fez pós-graduação. Tomando como base as leis que regulamentam a formação necessária para exercer a função de professor da Educação Infantil, constatamos que todas elas possuem a formação devida, embora, não tenham tido uma formação específica para atuar na área da Educação Infantil.

A professora Ana é a que tem maior tempo de experiência com a educação Pré-Escolar (oito anos), contudo, é a que tem menor grau de formação. As professoras Bia e Dalila têm o mesmo tempo de serviço em pré-escola (cinco anos). A professora Cristina é a que tem menor tempo de serviço em pré-escola (um ano). Portanto, com exceção da professora Cristina, que está tendo a sua primeira experiência de trabalho na pré-escola, as demais entrevistadas já contam com cinco a oito anos de atuação nessa etapa da educação.

Todas as professoras entrevistadas fizeram disciplinas voltadas para a Educação Infantil durante a graduação, mas aparentemente estas disciplinas não

marcaram muito a formação delas: a professora Ana incluiu a disciplina *Planejamento escolar* como sendo da área de Educação Infantil, a professora Cristina alega ter feito “pouquíssimas” disciplinas nesta área e a Professora Dalila não lembra sequer o nome das disciplinas que fez. Porém, algumas falam dos cursos de formação continuada como sendo fundamentais para o exercício de sua profissão, já que consideram que é através desses cursos de formação que elas estão conhecendo “as novidades da Educação Infantil”, ou, como as mesmas preferem dizer, “se reciclando”.

Kishimoto (2002, p.110) traz a seguinte informação sobre a organização disciplinar nos cursos de pedagogia e normais superiores:

Muitos cursos de pedagogia adotam a organização disciplinar e têm seus problemas. Os cursos normais superiores também reproduzem propostas fragmentadas que não respeitam a especificidade da educação infantil nem a pedagogia da infância, com o agravante de separar a formação geral da especializada, desrespeitando concepções epistemológicas que deveriam orientar a formação do profissional para a educação infantil.

Com base nas constatações feitas por esta autora, é possível afirmar que ainda há muito que ser superado na formação do profissional de Educação Infantil, já que este ainda não tem sua especificidade profissional reconhecida. Desse modo, durante sua formação o professor acaba adquirindo uma série de conhecimentos acerca de todas as áreas em que o pedagogo pode atuar (ou pelo menos acerca da maioria das áreas), não tendo, pois, a oportunidade e o tempo suficiente para se aprofundar em nenhuma delas de forma adequada a atuar satisfatoriamente, como é o caso das professoras de educação infantil entrevistadas. Estas cursaram poucas ou pouquíssimas disciplinas voltadas para sua área de atuação, devido a essa fragmentação curricular presente nas universidades que, por quererem abranger um todo, acabam não contemplando as especificidades curriculares profissionais. Diante desta situação, Kishimoto conclui:

Desde tempos passados, acumulam-se problemas na formação, em decorrência da pouca clareza do perfil profissional desejado nos cursos de formação propostos. As contradições aparecem nos cursos amorfos que não respeitam a especificidade da educação infantil (KISHIMOTO, 2002, p.107)

Apesar destas fragilidades constatadas nos cursos de formação, a professora Ana considerou os conhecimentos adquiridos em sua formação, mais especificamente durante a graduação, suficientes, pois “foram a sua base”. Segundo a

resposta dessa professora podemos levantar a hipótese de que a base seria o suficiente para que o professor desempenhe bem o seu papel. Por outro lado, as professoras Bia, Cristina e Dalila não consideram os conhecimentos adquiridos durante a graduação suficientes para a sua prática. A professora Bia justificou ser na prática que ocorre um maior aprendizado (“a gente aprende mesmo é na prática”) enquanto a professora Cristina destacou que tais conhecimentos foram relevantes e que acha que não é função da faculdade ensinar tudo ao profissional, pois acredita que ele (profissional) é que tem que dar continuidade aos estudos, ampliando, assim, os seus conhecimentos.

Vale ressaltar que entre as entrevistadas, apenas a professora Ana expressou que os conhecimentos adquiridos na graduação foram suficientes para prepará-la para desempenhar bem o seu papel de professora da pré-escola, diferentemente das demais. Aliás, tal afirmação é contraditória a uma resposta anterior, quando lhe foi perguntado sobre os conhecimentos necessários que um professor da pré-escola deve ter para desempenhar bem o seu papel e ela respondeu que o professor precisa estar sempre se “reciclando” com assuntos relacionados à Educação Infantil, ou seja, em um primeiro momento ela enfatiza a importância da formação continuada, e em um segundo momento ela diz que os conhecimentos adquiridos durante a sua formação (graduação) foram suficientes.

O professor da pré-escola, assim como os demais professores e os demais profissionais precisariam ter em mente que o conhecimento é infinito e ilimitado, cabe ao sujeito buscar meios de adquirir novos conhecimentos, e novas estratégias para desempenhar bem o seu papel.

Todas as entrevistadas já atuaram em outras etapas de ensino, além da pré-escola, e dizem gostar do trabalho que exercem atualmente. O motivo de estarem atuando na pré-escola é bastante diferente no grupo. Tanto a professora Ana quanto a professora Cristina não pensavam em serem professoras de pré-escola, não fizeram propriamente a escolha de trabalhar nessa área: a professora Ana alega a influência das amigas nesta escolha, enquanto a professora Cristina atribui o motivo à organização do funcionamento daquela escola, pois outro professor iria lecionar o 1º ano (série em que já atuava há mais de dez anos) e ela precisou assumir uma sala de Educação Infantil.

A professora Bia considerou como motivo influenciador para sua atuação na pré-escola o fato de ser filha de professor; enquanto a professora Dalila disse ter

tomado essa decisão por “gostar de crianças”, uma afirmação bastante comum entre as profissionais desta etapa da educação. Ambas, portanto, alegam motivos mais de ordem sentimental para as escolhas que fizeram. A maioria das entrevistadas, portanto, não demonstrou convicção de que aquela era a profissão desejada, com exceção da professora Bia, que falou ser o que sempre quis.

É importante ressaltar que fatos banais como o simples gostar de crianças não seria requisito suficiente para exercer a profissão de professor, seja ele da pré-escola ou de qualquer outra etapa educacional, entretanto, no caso da professora Dalila, tem de ser considerado o seguinte: além de ela gostar de criança, ela estudou e formou-se para atuar na área escolhida.

É certo que o simples fato de gostar de criança não seria o aspecto determinante na escolha dessa profissão, porém, é esperado que o sujeito conheça bem a área na qual pretende atuar e amplie seus conhecimentos constantemente. Dessa forma, o profissional da Educação Infantil estaria trabalhando para ser um bom professor, pois não estaria apenas dependendo de suas atribuições pessoais para desempenhar seu papel, estaria sim unindo estas às suas atribuições profissionais.

Ao serem indagadas acerca de qual a opinião delas sobre o papel do professor da pré-escola, a professora Ana enfocou a questão da atenção que o professor deve ter com relação à criança, considerando esse um aspecto de grande relevância no papel do professor. A professora Bia fez uma generalização quanto ao papel do professor quando disse que o papel de “qualquer professor é buscar o desenvolvimento do aluno”, contudo, não especificou o papel do professor da pré-escola.

Formosinho explica essa questão ao tratar de especificidade do professor de Educação Infantil:

Evidentemente o papel dos professores das crianças pequenas é, em muitos aspectos, similar ao papel dos outros professores, mas é diferente em muitos outros. Esses aspectos diferenciadores configuram uma profissionalidade específica do trabalho das educadoras de infância. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 1997, p. 80).

Não podemos, pois, dizer que o papel do professor de ensino fundamental é igual ao papel do professor da educação infantil. Embora tenham similaridades, ambos têm suas especificidades, que é justamente o que distingue um papel do outro.

Esta autora destaca ainda que: “Essas características de diferenciação não anulam as semelhanças, mas é natural que, para comprovar a singularidade da profissão das educadoras de infância, nos centremos nas diferenças.” (1997, p. 80) Portanto, generalizar o papel do professor da pré-escola, comparando com qualquer outro não seria, já que o fator determinante da profissionalidade específica do professor da pré-escola é assim percebido em suas singularidades, em seu diferencial entre os demais.

Tanto a professora Ana quanto a professora Bia fizeram referência ao que as crianças já trazem de casa, seja em relação à aprendizagem ou ao comportamento, que podem se refletir em seu desempenho na pré-escola: “Acho que o papel do [professor] pré-escolar é estar sempre atento, assim em tudo: comportamento das crianças, até a vida delas mesmo, dentro e fora da escola...” (professora Ana); “Então, na pré-escola a criança adquire, devido ao que ela trás de casa, o que ela já tem de casa, a criança, ela adquire um conhecimento muito grande.” (professora Bia)

A professora Cristina respondeu a pergunta tomando como referência a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, ao que diz respeito à Educação Infantil, enfocando, assim também como a professora Bia, a questão do desenvolvimento, porém dessa vez mais especificamente, pois destaca os vários aspectos do desenvolvimento da criança: “O professor da pré-escola tem como função primordial contribuir com o desenvolvimento integral da criança dessa faixa etária, em todos os seus aspectos: físico, motor, psicológico, emocional...”.

A professora Dalila especificou o papel do professor da pré-escola enfatizando o trabalho com a psicomotricidade infantil. Esse argumento se adequa à questão da busca do desenvolvimento das crianças, nesse caso, em parte, não em sua integralidade, pois, em se tratando de Educação Infantil, devemos privilegiar o desenvolvimento integral e não parcial

Podemos perceber, portanto, que, segundo as professoras entrevistadas o papel do professor da pré-escola é contribuir com o desenvolvimento da criança, seja esse desenvolvimento integral (quando contempla todos os aspectos do desenvolvimento infantil) ou parcial (quando contempla parte dos aspectos do desenvolvimento infantil), já que uma especifica esse desenvolvimento envolvendo todos os aspectos do desenvolvimento infantil, enquanto outras enaltecem apenas um ou dois, expressando, assim, uma parcialidade. Podemos observar isso já nesse

primeiro momento onde cada professora enaltece um aspecto do desenvolvimento infantil, aspecto esse que cada professor deve estar atento e trabalhar tendo-o como base: a professora Ana enfoca o comportamento das crianças; a professora Bia enfoca a aquisição de conhecimentos por parte das crianças (fator cognitivo); a professora Dalila enfoca a psicomotricidade; a professora Cristina é a única exceção, pois não enaltece apenas um ou dois aspectos do desenvolvimento infantil, mas sim o desenvolvimento integral. Em relação à importância do professor no processo de desenvolvimento das crianças, a professora Ana posiciona-se de forma vaga (“Tem uma importância muito grande”), além de remeter sua justificativa à ideia da criança como um vir a ser, ou seja, a infância como um preparo para a vida adulta. Segundo essa ideia da professora Ana, o professor da pré-escola parece ser importante por estar preparando as crianças para uma vida adulta e não visando a vida atual, pois ela afirma que “o ser adulto depende de uma infância”

A professora Bia também parece ter uma visão parecida com a da professora Ana. Percebemos isso quando afirma: “Quando ela (criança) chega na escola ela chega vazia”. A ideia de a criança ser uma *tábula rasa*, desprovida de conhecimentos também nos remete à ideia do vir a ser, como sugere a professora Ana. De tal modo caberia, portanto, ao professor “preenchê-la”, “ser essa ponte”, segundo ela. Em um ligeiro comparativo com a resposta da primeira pergunta percebemos uma contradição na fala da professora Bia: enquanto que ao responder o questionamento sobre o papel do professor da pré-escola, esta falou dos conhecimentos que as crianças traziam de casa, supondo, portanto que a criança já tem conhecimentos antes mesmo de ingressar na pré-escola, já frente a segunda pergunta ela afirma o contrário, que “a criança chega na escola vazia.”

Coerentemente com a resposta da primeira pergunta, a professora Cristina considerou o professor como mediador do processo de desenvolvimento da criança, tendo, portanto, que conhecer as fases do seu desenvolvimento. Por ser um mediador, o professor não estaria no centro do processo, ocupando a função de facilitador ao invés de detentor e ou transmissor do conhecimento.

Já a professora Dalila frisou o lugar central do professor em sala de aula quando disse: “O professor é a pessoa mais importante na sala de aula.” Deste modo, ela pareceu estar, de certa forma, subestimando a autonomia das próprias crianças na construção do seu conhecimento.

Tanto a professora Ana, quanto a professora Bia, parecem atribuir importância ao professor no processo de desenvolvimento da criança por entenderem essa fase da vida como inacabada. Fase onde a criança precisa crescer se tornar adulto, tendo como suporte o auxílio do professor. “O ser adulto depende de uma infância.” (Ana); “Quando ela chega na escola, ela chega vazia, e o professor é o responsável para ajudar, para ser essa ponte.”(Bia). Estas veem, pois, a importância de preparar as crianças para um futuro, e conseqüentemente parecem não priorizar o presente. A ideia trazida pela professora Bia, do professor como “ponte” pode nos remeter à dependência da criança em relação ao professor. Sobre essa concepção, Oliveira-Formosinho nos traz a seguinte afirmação:

A dependência da criança em relação ao adulto nas rotinas de cuidados (higiene, limpeza, saúde) configura uma situação de vulnerabilidade da criança, de que já falamos. A criança é um ser frágil, que necessita de cuidados físicos e psicológicos constantes como base para o seu desenvolvimento.(OLIVEIRA-FORMOSINHO, 1997, p. 82.).

Essa ideia reforça um dos fundamentos centrais da Educação infantil, que é o binômio cuidar e educar como função indissociável. Tendo a educação infantil essa função, seria importante que o professor focasse seu trabalho nessa ideia, mas com o cuidado de não tirar da criança a autonomia que lhe é necessária e nem subestimá-la, pois a criança pequena necessita de cuidados devido a sua fragilidade, sim, mas também no decorrer de seu desenvolvimento essa relação de dependência do adulto presente no cuidar vai sendo diminuída.

Percebemos que a concepção da professora Dalila, relativa à importância do professor no processo de desenvolvimento das crianças não foi diferente do que pensam as duas primeiras professoras: “Tornar dinâmica as atividades para que a criança desenvolva dentro de um processo. O professor é a pessoa mais importante dentro da sala de aula.” (Dalila). Esta ainda ressalta a suma importância do professor dentro da sala de aula, sendo que, sabemos que a educação deve ser centrada na criança e não no professor. Aliás, essa é uma das especificidades do professor da pré-escola. Vejamos essa afirmação de forma mais clara a partir da seguinte afirmação de Oliveira-Formosinho (1997, P. 87):

A especificidade da educação de infância revela-se, também, no fato de ser mais centrada naquele que é educado – o educando – do que no processo educativo ou no educador (Silva, 1991, Simões, 1995). Assim, o processo educativo na educação de infância distingue-se do processo educativo dos

outros níveis de ensino, mesmo do nível de ensino subsequente que é o ensino primário, pela centralidade que refere à interação iniciada pela criança como base ou elemento importante do processo educativo em jardim de infância.

Contudo, a professora Dalila não parece compartilhar a mesma concepção da professora Cristina, que vê a importância do professor da pré-escola na estimulação do desenvolvimento da criança como um todo, bem como descreve a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) em seu art. 29: “A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social...”.

De modo geral, a maior parte das professoras entrevistadas veem a importância do professor como sujeito central no processo educativo, com exceção da visão da professora Cristina, que o vê como mediador. Nenhuma das professoras destacou as interações entre adulto e criança como de importância primordial no desenvolvimento integral das crianças.

Ao tentar descrever o perfil do bom professor da pré-escola, a professora Ana utilizou adjetivos comuns a qualquer outro profissional: atenção, assiduidade, comprometimento, respeito. A única qualidade específica do professor da pré-escola que ela mencionou foi o “saber lidar com as crianças”, o que remete ao aspecto afetivo na relação entre adulto (professor) e criança. A professora Bia, ao contrário, descreveu o perfil do professor da pré-escola usando qualidades que considera específicas, qualidades essas que ressaltam ainda mais o lado afetivo: “O professor da pré-escola tem que ser dinâmico, tem que ser carinhoso, tem que amar o que faz, tem que ter colo, o professor da pré-escola tem que ser mãe. A criança tem que encontrar nele aconchego, tem que encontrar confiança.” (Bia)

Chama a atenção nesta fala a forte conexão estabelecida entre a função de professor de Educação Infantil e a condição materna. Se ela fala que o professor da pré-escola tem que ser mãe, podemos levantar a seguinte hipótese: somente mulheres podem exercer bem essa profissão, pelo fato de poderem ser mães e terem o senso maternal naturalmente aflorado. Não deveria então haver professores do sexo masculino exercendo a profissão? O perfil do professor da pré-escola seria exclusivamente feminino? Tendo em vista a busca por essas respostas, sugerimos a elaboração de um trabalho mais detalhado sobre a atuação de professores do sexo masculino na Educação Infantil.

Já a professora Cristina descreveu o perfil do professor como um profissional que goste de estudar e justificou sua resposta levando em consideração a importância de o professor ter sólidos conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil:

Ele deve ser um profissional que goste de estudar, porque assim, ele pode estar interagindo com essa criança, conhecendo essa criança, investigando no seu campo de atuação todos os aspectos que dizem respeito ao desenvolvimento dessa criança e, quando na observação de alguma dificuldade, ele pode estar intervindo de modo a sanar essa dificuldade ou ao menos estacionar se for o caso.

Nesta perspectiva, o professor de Educação Infantil deveria ser um profissional preocupado com o desenvolvimento integral da criança e que buscasse estar sempre aprimorando seus conhecimentos.

A professora Dalila também usou o adjetivo dinâmico, assim como a estimulação e apoiou sua justificativa em fatores, que segundo ela são necessários para o desenvolvimento infantil: “Ele precisa ser dinâmico, participativo e aceitar o novo, as novidades que estão por vir, que a gente sabe que é necessário para o desenvolvimento das crianças”.

Ao analisar o que estas professoras expressam acerca de como seria o perfil do bom professor da pré-escola, percebemos que as professoras Ana e Bia expõem características pessoais natas que o professor de pré-escola necessita ter, qualidades estas que não dependeriam de qualquer aprofundamento intelectual ou acadêmico. Enquanto isso, as professoras Cristina e Dalila concordam em suas respostas ao frisarem a busca por novidades e conhecimentos por parte do professor, visando sempre o desenvolvimento das crianças. Tais afirmações nos levam a fatores mais profissionais que pessoais na concepção do perfil do bom professor da pré-escola.

Oliveira-Formosinho (1997) nos mostra algumas características desejáveis do perfil de professores de educação infantil, tendo como base a escala de observação do empenhamento do adulto (LEAVERS, 1991), um instrumento utilizado por vários pesquisadores, como Bertram (1996). As características são: sensibilidade, estimulação e autonomia. Essas devem seguir em um patamar positivo, denominando-se assim como empenho máximo, já que se privilegia todas as qualidades necessárias, caso contrário empenho mínimo, ou seja, se o professor baseia sua prática nessas

características ele estará tendo um perfil desejável. Fundamentando-nos nessas características chegaremos à conclusão de que o professor da pré-escola, dentro de suas peculiaridades em relação ao seu perfil, precisa ter tanto características pessoais, não necessariamente natas, quanto profissionais, adquiridas durante a formação. “Assim sendo, exige-se do processo de profissionalização das educadoras, preparação para uma amplitude e singularidade de tarefas, que exigem do professor capacitação pessoal e não só profissional.” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 1997, p. 87).

Complementando o tema do perfil do bom professor da pré-escola, as professoras foram indagadas sobre as dificuldades enfrentadas que desestimulam o surgimento ou estímulo a essas características do bom professor.

Segundo a professora Ana, a “criação” (educação) que os pais dão aos filhos dificulta a atenção, a assiduidade, o comprometimento e o respeito do professor da pré-escola em sua relação com as crianças. “Muitas vezes a criação que os pais dão à elas (crianças), né? Acho que dificulta por isso, porque muitos pais já tratam a criança, as vezes, como se diz... Deixando fazer tudo. Tudo pode tudo o que quiser pode. Aí muitas vezes dificulta quando eles estão no pré-escolar, quando é na sala de aula dificulta bastante.” Esse fator limitaria, portanto, o estímulo às características de um bom professor.

A professora Bia, por outro lado, referiu-se às condições não tão satisfatórias de trabalho, bem como a falta de apoio das famílias das crianças como fatores que dificultam o estímulo às qualidades do bom professor.

A professora Cristina alegou como maior dificuldade a falta de tempo, que não permite ao professor um estudo e planejamento mais satisfatório.

A professora Dalila mencionou como dificuldade o corpo docente, alegando que a maior dificuldade está na falta de dinamismo dos próprios professores “A questão de alguns professores que não têm a questão do dinamismo, que às vezes está na educação por está na educação por estar, que às vezes escolhe a educação infantil achando que não é nada importante.”

Tanto a professora Ana, quanto a professora Bia concordam no ponto referente à família, mencionando seja na falta de apoio escolar, seja a educação que elas dão aos filhos. O fato é que, segundo elas, a ação “negativa” da família interfere, dificulta e desestimula as qualidades necessárias a um bom professor. Sabemos que durante o período da Educação Infantil, a creche ou a pré-escola devem ter uma

estreita relação de parceria com a família das crianças, de forma a fazer com que essa relação se torne um estímulo à própria eficácia do trabalho docente, e não o contrário.

A falta de tempo para estudar e planejar, mencionada pela professora Cristina como uma dificuldade no surgimento ou estímulo às características do bom professor, vincula-se perfeitamente à sua resposta ao questionamento sobre o perfil do bom professor da pré-escola.

De certa forma, a posição da professora Dalila de que falta dinamismo ao professor relaciona-se com a resposta da professora mencionada anteriormente (Cristina) já que, o dinamismo do professor da Educação Infantil precisa ir além da sala, essa característica deve estar presente também durante as reuniões de planejamento dos professores e gestores, para que dessa forma possam juntos, partilharem suas ideias, e fazerem um trabalho em conjunto, interativo, dinâmico. Mas para que haja esse dinamismo seria necessário tempo. Tempo esse que na concepção da professora Cristina é um fator que dificulta a eficácia no trabalho. Se o professor não dispõe de tempo para estudar e planejar, como este vai dinamizar seu trabalho coletivamente de forma eficaz?

Podemos apontar que, enquanto estas professoras referem-se a fatores próprios do professor ou da sua prática docente (falta de tempo e falta de dinamismo) as professoras Ana e Bia culpam um fator externo à escola (a família) por desestimularem ou dificultarem o seu trabalho.

Um aspecto que chama atenção nas afirmações feitas pelas professoras sobre as dificuldades enfrentadas é que a maioria não parece perceber quais suas próprias responsabilidades nesse contexto.

Independente da dificuldade a ser enfrentada, seja ela advinda de fatores externos ou internos, um fator que contribui de maneira decisiva na forma como ela será enfrentada é a formação dos professores da Educação Infantil. Ela pode contribuir fortemente para a motivação e compromisso destes profissionais na sua atuação profissional. Vejamos o papel da qualificação, motivação e compromisso para a qualidade da Educação Infantil de forma mais clara, segundo a posição de Leite (2002): “A eficácia da Educação Infantil depende, em grande parte, de um quadro de profissionais altamente qualificados e fortemente motivados e comprometidos para exercerem novas competências postas pela legislação atual.” (LEITE, 2002, p. 195)

Podemos dizer, portanto, que a formação do profissional tem uma grande

importância na superação das dificuldades ou desestímulos impostos pelo trabalho.

O seguinte questionamento foifeito sobre os conhecimentos necessários ao professor da pré-escola: Que conhecimentos são necessários para que um professor de pré-escola desempenhe bem o seu papel? A professora Ana considerou a atualização dos conhecimentos (o que ela chamou de reciclagem) acerca da Educação Infantil como meio necessário para desempenhar bem seu papel de professora da pré-escola, ou seja, o professor precisaria estar sempre adquirindo novos conhecimentos que influenciarão a sua prática. No entanto, não especificou que conhecimentos seriam necessários para o professor de Educação Infantil, conforme foi solicitado. Já a professora Bia se direcionou aos conhecimentos teóricos piagetianos e freirianos: segundo ela, o professor precisaria conhecer as teorias desses estudiosos para desenvolver bem seu trabalho, bem como ter conhecimento acerca de higiene e saúde. Um trecho chamou atenção em sua fala: “O professor tem que ter um conhecimento muito grande de Piaget. De Piaget à Pinochet (risos).” Nesse trecho de sua fala, em que a professora Bia faz referência a um ditador remete ao autoritarismo do professor sobre o aluno, fato que contradiz os ensinamentos de Paulo Freire, que, segundo ela mesma deveriam ser levados em consideração: “Paulo Freire me ajudou demais! Porque eu já li sobre ele e do que ele diz, do que ele ensina, a gente traz para a sala de aula e é imensa a ajuda que ele tem nos dado”.

A professora Cristina reforçou a necessidade de o professor ter conhecimento sobre as fases do desenvolvimento da criança e de seu desenvolvimento integral. Considera que se o professor tiver esses conhecimentos ele saberá atuar de forma satisfatória, desempenhando bem o seu papel. A professora Dalila não falou de conhecimentos, propriamente ditos, mas sim de qualidades/características e ações do professor.

As três primeiras professoras entrevistadas frisaram a importância dos conhecimentos teóricos, sejam esses adquiridos em sua formação superior ou em formação continuada, apenas a última falou com maior ênfase dos conhecimentos práticos.

É de grande importância ressaltar que o professor deve contemplar tanto os fundamentos práticos, quanto os teóricos em seu leque de conhecimentos, além de trabalhar com ambos de forma indissociável, pois não há boa prática sem fundamento teórico, assim como não há boa teoria sem prática.

Perguntamos também a opinião das entrevistadas acerca das atitudes e habilidades o professor da pré-escola precisa ter para desenvolver seu trabalho com eficácia. Segundo a professora Ana o professor tem que usar a ludicidade ao trabalhar o aspecto cognitivo das crianças. “Eu procuro através das brincadeiras, relacionar todos os conteúdos que eles precisam.” Ao falar em “conteúdos”, a professora parece privilegiar justamente o aspecto cognitivo, não enaltecendo assim os demais aspectos importantes ao desenvolvimento infantil (afetividade, motricidade, sociabilidade etc.). Além disso, a palavra “conteúdo” remete à aceleração do nível pré-escolar para o escolar, e o objetivo da Educação Infantil não é esse, e sim o desenvolvimento integral das crianças. Tal nomenclatura (conteúdo) é usada em níveis escolares, já que esses sim enfocam mais o aspecto cognitivo. A professora Bia cita uma atitude (dinâmico) e uma habilidade (criativo), ambas específicas do professor de nível pré-escolar. Já que a Educação Infantil contempla o desenvolvimento integral da criança e, sabendo que a ludicidade deve estar presente nesse universo infantil, seria adequado que o professor fosse dinâmico e criativo. A professora Cristina fala em comprometimento como sendo uma atitude e em curiosidade e sensibilidade como sendo habilidades. Já a sensibilidade está ligada à percepção aguçada que o professor deve ter ao trabalhar com crianças, que em suas peculiaridades mostram muito da sua personalidade através de pinturas e outros meios que muitas vezes passam despercebidos por profissionais sem essa sensibilidade.

A professora Dalila parece confundir o questionamento sobre as atitudes e habilidades que o professor da pré-escola precisa ter para desenvolver seu trabalho com eficácia com a pergunta anterior referente aos conhecimentos necessários para que um professor de pré-escola desempenhe bem o seu papel. Mas em sua resposta podemos constatar que é dada muita importância ao desenvolvimento psicomotor da criança, por isso, segundo ela, o professor deve ter conhecimento nessa área.

As professoras entrevistadas ressaltam atitudes e habilidades profissionais de acordo com o que consideram de maior importância para o desenvolvimento infantil. Considerando que para desenvolver seu trabalho com eficácia o professor da pré-escola precisa tomar como base o fundamento norteador da Educação Infantil, que é o desenvolvimento integral da criança, vemos que, das professoras entrevistadas apenas as professoras Bia e Cristina referem-se a atitudes e habilidades relativas ao desenvolvimento integral da criança, enquanto que as professoras Ana e Dalila

mencionam atitudes e habilidades que contemplam apenas o desenvolvimento parcial da criança: aspecto cognitivo (Ana), e aspecto psicomotor (Dalila).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise das entrevistas realizadas, pudemos notar que a maioria das entrevistadas enaltece características pessoais não específicas ao tratar do perfil do bom professor da pré-escola. Tal constatação reafirma e fortalece as ideias dos autores que defendem a questão da profissionalidade específica do professor da Educação Infantil. Especificidade essa que precisaria ser vista como necessidade urgente em prol da promoção da qualidade na Educação Infantil, uma vez que, o professor contribui de maneira decisiva para esta qualidade.

Ao falarmos de profissionalidade, somos levados, quase que obrigatoriamente, a falar da formação dos professores, nesse caso sobre a formação dos professores da Educação Infantil. E baseando-nos na análise realizada, podemos levantar a hipótese de que a formação é considerada como um fator relevante para as professoras entrevistadas, visto que todas possuem formação maior que a exigida pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases) onde a formação mínima exigida é de nível médio na modalidade normal, porém percebemos que há, por parte de uma das professoras, certa acomodação frente a continuidade aos estudos, já que entre as demais ela era a única que não havia feito um curso de pós-graduação. Talvez tal acomodação seja reflexo das falhas que a própria LDB apresenta em se tratando de formação

mínima exigida ao exercício da profissão. As diretrizes e bases da educação sequer abordam a necessidade de profissionalidade específica da profissão.

É fator notório que todas as entrevistadas enfatizam de alguma forma o desenvolvimento das crianças ao tratarem do papel do professor de pré-escola. Uma delas falou bastante sobre esse aspecto, privilegiando a integralidade desse desenvolvimento e mostrou convicção em suas palavras, enquanto as demais apontaram aspectos do desenvolvimento infantil de forma não integrada.

Diante dessa constatação concluímos que o objetivo maior da Educação Infantil (o desenvolvimento integral da criança) ainda não é devidamente considerado por todas as professoras atuantes nessa etapa da educação, contudo, vemos que tal objetivo não é totalmente negligenciado ou desrespeitado, já que todas as professoras entrevistadas enfatizam fatores que realmente influenciam o desenvolvimento infantil, embora este não seja visto de forma integral, mas apenas parcial.

Através das entrevistas conseguimos alcançar nosso objetivo de pesquisa, que era entender a concepção de professoras de pré-escola de Fortaleza sobre o perfil do bom professor da pré-escola. Concluímos que uma série de fatores influenciava essas percepções, que são bem diversas: a educação que obtiveram formação, visão de mundo, visão de infância e necessidades da infância. Acreditamos que todos esses fatores influenciaram as concepções acerca do perfil do bom professor da pré-escola. Provavelmente tais concepções geram em consequência atuações diferentes, baseadas nos aspectos considerados por cada uma delas como de maior valor no que diz respeito aos conhecimentos, habilidades e atitudes que o professor precisa ter.

Um fato que chamou muito a atenção foi que a professora Cristina demonstrou maior conhecimento relacionado à Educação Infantil que as que têm maior tempo de serviço. Esse fato parece desmistificar a crença de que o tempo de serviço é que faz um bom profissional. Na verdade, o que esperamos de um bom professor de Educação Infantil é que este saiba unir a teoria à prática, independentemente do tempo de serviço que o mesmo possui, pois o sujeito pode ter muito tempo de atuação, na pré-escola, por exemplo, e não ter tido bases teóricas que fundamentem o seu trabalho, ou em um segundo caso, o sujeito pode ter tido muita teoria, contudo, não ter tido oportunidade para pô-las em prática.

O bom professor da Educação Infantil, idealmente, seria aquele que, de fato, centraliza seu trabalho na criança e em suas necessidades, seguindo sempre a

legislação referente a esta etapa da educação básica. Consideramos também que é importante ressaltar que a profissionalidade específica (ainda em construção) do professor da Educação Infantil, atuante em creche ou em pré-escola seria primordial na construção do perfil desse bom professor.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Maristela. **O trabalho docente na pré-escola: Revisitando teorias, descortinando práticas.** São Paulo: Livraria pioneira educação, 1994.

BONDIOLI, Anna (org.). **O projeto pedagógico da creche e a sua avaliação: a qualidade negociada.** Campinas – SP: Autores associados, 2004.

BRASIL, MEC/Secretaria de Educação Fundamental/ Coordenação Geral de Educação Infantil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, 2009.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº9394/96** de 20 de dezembro de 1996. Brasília. Disponível em: www.mec.gov.br/legis/pdf/ldb.pdf Acesso em: 20/08/2011

BRASIL. MEC. **Estatuto da Criança e do Adolescente nº 8069/90** de 13 de Julho de 1990. Brasília. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.html Acesso em [22/08/2011](#)

BRASIL.MEC/SEF/COEDI. **Por uma Política de Formação do Profissional de Educação Infantil.** Brasília, 1994.

CAMPOS, Maria Malta. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do Profissional de educação infantil. IN: **Por uma política de formação do profissional de educação infantil.** Brasília: MEC, 1994, p.32-42.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. **Reflexões acerca da Formação do Educador Infantil** in Caderno de Pesquisa. São Paulo, nº 97, p. 79-89, maio 1996.

KISHIMOTO, TizukoMorchida. Encontros e desencontros na formação dos profissionais de Educação Infantil. MACHADO, Maria Lucia de A. (organizadora). **Encontros e desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2002.

KRAMMER, Sônia. (coordenadora). **Com a Pré-Escola nas Mãos – Uma alternativa curricular para a Educação Infantil.**10. ed.São Paulo: Ática. 1997.

MACHADO, Maria Lúcia de A. (organizadora). **Encontros e Desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2002.

MOSS, Peter. Reconceitualizando a infância: crianças, instituições e profissionais. MACHADO, Maria Lucia de A. (organizadora). **Encontros e desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2002.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. As universidades nos projetos de formação continuada: impactos e resultados. MACHADO, Maria Lucia de A. (organizadora). **Encontros e desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Stela Maris Lagos. A legislação e as políticas nacionais para a Educação Infantil: avanços, vazios e desvios. MACHADO, Maria Lucia de A. (organizadora). **Encontros e desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA-FORMOSINHO. Júlia. **Associação Criança – Um contexto de Formação em Contexto.** Braga: Livraria Minho, 2001.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed. 1998

APÊNDICE A - Roteiro para a entrevista

- Qual o papel do professor da pré-escola?
- Para você, qual a importância que o professor tem no processo de desenvolvimento das crianças? Comente.
- Tente descrever da melhor forma como seria o perfil do bom professor da pré-escola.
- O que poderia dificultar o surgimento ou o estímulo a essas qualidades/características do bom professor?
- Que conhecimentos são necessários o suficiente para que um professor de pré-escola desempenhe bem o seu papel?
- Em sua opinião, que atitudes e habilidades o professor da pré-escola precisa ter para desenvolver seu trabalho com eficácia?
- Qual a sua formação?
- Você fez disciplinas voltadas para a educação infantil? Quais?
- Em sua opinião, os conhecimentos adquiridos durante sua formação foram suficientes para desempenhar bem seu papel de professora da pré-escola? Comente.
- Há quanto tempo exerce a profissão de professora da pré-escola?
- Que fatores contribuíram para a escolha dessa profissão?

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO DA 1ª ENTREVISTA

(Prof^a. Ana – *Infantil IV*)

ENT.: Qual o papel do professor da pré-escola?

PROF^a. I: (pausa) Qual o papel do professor da pré-escola?... (reflete a indagação)

ENT.: Você pode falar assim no geral...

PROF^a. I: Eu trabalho realmente na pré-escola há muito tempo mesmo. Desde 2000 que sou professora mais no pré-escolar. Então acho que o papel do pré-escolar é estar sempre atento, assim, em tudo: Comportamento das crianças, até a vida deles mesmo dentro e fora da escola, certo. É uma coisa que requer do professor muita atenção, muita disponibilidade, certo? E, assim... É uma... Um... (pausa) como é que vou lhe dizer? (reflete) É um tipo de educação que você dá muito através das brincadeiras, ou seja, do lúdico né? Então para isso você tem que dar o conteúdozinho deles dentro das brincadeiras.

ENT.: Hunrrum. E qual a importância que o professor tem no processo de desenvolvimento da criança, no caso da pré-escola?

PROF^a. I: Como é?

ENT.: Para você, qual a importância que o professor tem no processo de desenvolvimento da criança?

PROF^a. I: Tem uma importância muito grande, porque parte da vida toda da criança, ou seja, o ser adulto depende de uma infância. Então eu acho que o professor da educação infantil, ele realmente tem que saber lidar bastante com as crianças, porque é como se diz: É o alicerce de toda a educação.

ENT.: Hunrrum (pausa). E a 3ª: Você poderia descrever como seria o perfil do bom professor da pré-escola?

PROF^a. I:(pausa) Atencioso, assíduo, comprometedor, saber lidar com as crianças e respeito para com elas.

(pausa)

ENT.: E esse saber lidar está relacionado a quê?

PROF^a. I: Está relacionado a que? À vida (confusão entre palavras), a coletânea que eles já trazem de casa para juntar com as da gente. Quer dizer, porque a criança, ela tem um comportamento assim de uma maneira em casa e tem outro comportamento quando chega na escola.

ENT.: Ok.

PROF^a. I: Então você não tem que ter nada de agressividade com as crianças, tem que saber respeitar muitas coisas que elas já trazem de casa, mas agora como? Tentando explicar à elas que aquilo vai ter que ser mudado. Muitas coisas já vindas de casa, né? Trazidas da criação dos pais.

ENT.: Ok. E o que poderia dificultar o surgimento ou estímulo dessas qualidades, dessas características que você acabou de citar? Ou na própria escola mesmo, o que poderia dificultar?

PROF^a. I: Muitas vezes as criações que os pais delas dão a elas, né? (pausa). Acho que dificulta por isso, porque muitos pais já tratam a criança, as vezes, como se diz...? Deixando fazer tudo. Tudo pode. Tudo que quiser pode. Aí muitas vezes dificulta quando eles estão no pré-escolar, quando é na sala de aula dificulta bastante!
(pausa)

ENT.: E a quinta. Que conhecimentos são necessários o suficiente para que um professor de pré-escola desempenhe bem o seu papel?

PROF^a. I: É o que?

ENT.: Qual mínimo de conhecimento que o professor da pré-escola precisa ter para desempenhar bem o seu papel?

PROF^a. I: Estar sempre se reciclando com assuntos relacionados à educação infantil, porque é sempre um aprendizado, você está sempre aprendendo com as crianças, você tanto aprende com as crianças quanto você ensina. Elas te trazem muitas coisas boas para o nosso próprio estudo.

ENT.: Ok. Em sua opinião, que atitudes e habilidades o professor da pré-escola precisa ter para desenvolver seu trabalho com eficácia, um trabalho que dê certo mesmo?

PROF^a. I: (pausa) Como vou te dizer ...? Como é? (a própria entrevistada lê a questão)
(pausa)

ENT.: É um pouco parecido com a primeira. Só que a primeira, no caso, é o papel. Aqui são as atitudes, as habilidades.

PROF^a. I: (pausa) Como é que vou te dizer isso agora aí ...?

ENT.: Para que o teu trabalho dê certo, quando tu faz assim... Quando realiza algum trabalho que dá certo mesmo, qual foi o artifício que tu usou para que desse certo? Quais as habilidades que tu teve?

PROF^a. I: Assim: Eu procuro através das brincadeiras, relacionar todos os conteúdos que eles precisam. Por exemplo: Se eu vou trabalhar uma palavrinha, eu trabalho com jogos, com brincadeiras, contanto que eles entendam o que é que eu quero dizer. Ou seja, com que eles aprendam aquela palavra. Muitas vezes eu acho assim... Ou então as vezes, por exemplo, eu junto assim duas crianças e aí eu dou, por exemplo, um jogo. Naquele jogo eu peço que eles façam algo que mostrem para eles as letras dos nomes deles, ou talvez um numerozinho. Eu acho que nas brincadeiras ele tem que estar sempre atento que traga alguma coisa para eles.

ENT.: Esse conteúdo que você fala está relacionado ao português e as outras disciplinas né?

PROF^a. I: É. A todas, todas. À matemática... E a desenvolver todas.

ENT.: Qual a sua formação?

PROF^a. I: Pedagogia. Só. Porque especialização eu nem fiz ainda, parei.

ENT.: Só graduada né, por enquanto?

PROF^a. I: É.

ENT.: Em que universidade?

PROF^a. I: Hum?

ENT.: Em que universidade?

PROF^a. I: Na UVA (Universidade do Vale do Acaraú)

ENT.: Faz tempo que você se formou?

PROF^a. I: Faz. Desde 2001.

ENT.: E você fez disciplinas voltadas para a educação infantil na graduação?

PROF^a.I: Fiz. Fiz muitos seminários, cursos...

ENT.: Mas esses cursos eram de dentro da faculdade?

PROF^a.I: Não. Fora.

ENT.: Fora né? Mas não era ligado?

PROF^a.I: Não.

ENT.: Mas as disciplinas. Você teve alguma disciplina voltada para a educação infantil dentro da Universidade ou só teve que procurar fora?

PROF^a.I: Não foi bem procurar, porque quando você entra na escola de educação infantil eles geralmente têm seminários, eles têm preparação. A gente está desenvolvendo quando já está na sala de aula. Por que dentro da faculdade você vê o quê? Você vê o espaço físico só, o lúdico, que são as brincadeiras, etc. você não vê tanto. Não se expande tanto. Após sair da faculdade, depois, com a convivência na sala de aula é que você vai fazendo outros cursos.

ENT.: Ta, mas disciplina não teve ,então, na graduação.

PROF^a.I: Teve...

ENT.: Você lembra quais os nomes das disciplinas?

PROF^a.I: Não. (pausa). Planejamento!

ENT.: Planejamento...?

PROF^a.I: É. Planejamento escolar foi uma delas que teve.

ENT.: Você viu educação infantil nessa disciplina né?

PROF^a.I: É. Essa disciplina foi voltada para a educação infantil. (pausa). É voltada para a educação infantil. Porque tem o do fundamental, tem o do médio...

ENT.: Hunrrum. Você deve ter estudado outras mas não lembra né?

PROF^a.I: Não lembro não. (pausa). Porque realmente, na realidade, a faculdade de pedagogia, pelo menos a que eu fiz, não é voltada, centralizada para um só: Para o médio, para o fundamental, não. Não é. Tem o quê? Tem a parte da matemática, estatística, tem realmente a planejamento, tem a sala de aula professor-aluno, tudo. Mas não é voltada só para a educação infantil. Depois é que você faz, quando você termina. Se for para atuar na educação infantil é que eu vou me aprimorar mais nessas áreas aí. É assim.

ENT.: Aí é que entra o que você falou né? Fez o curso sobre educação infantil né?

PROF^a.I: É. Fiz cursos de formação continuada em educação infantil.
(pausa)

ENT.: A nona. Em sua opinião, os conhecimentos adquiridos durante sua formação foram suficientes para desempenhar bem o seu papel de professora da pré-escola?

PROF^a.I: Bastante!

ENT.: Foram suficientes né?

PROF^a.I: É. Muito suficientes.
(pausa)

ENT.: Poderia falar uma pouco mais sobre isso?

PROF^a.I: Da nove ainda?

ENT.: É.

PROF^a.I: (pausa)

ENT.: Por quê você considera esses conhecimentos adquiridos na formação o suficiente para realizar bem o seu trabalho?

PROF^a.I: Na formação que você fala é exercendo?

ENT.: Não. Na faculdade. Os conhecimentos que você teve na graduação em pedagogia.

PROF^a.I: Bem, porque na realidade se você não tivesse essa formação aí, você não chegava onde chegou né? Então o que você vê lá dentro é que foi a sua base.

ENT.: Pronto. A décima. Há quanto tempo exerce a profissão de professora? Essa você já falou né?

PROF^a.I: Há 11 anos.

ENT.: Mas de pré-escola?

PROF^a.I: Foram quase todos. Suponhamos que tenha sido 8 em pré-escola e os 3 nas outras áreas: Fundamental e médio. Fundamental, porque médio não.

ENT.: 8 em pré-escola, então.

PROF^a.I: É. Foi 8 em pré-escola, mais ou menos. E os outros no fundamental, porque o médio a gente não pode ensinar.

ENT.: E a última. Que fatores contribuíram para a escolha dessa profissão? O que te fez escolher essa profissão de professora de educação infantil, de pré-escola?

PROF^a.I: Não foi escolhida. Eu nem pensava em ser professora.

ENT.: Ah não?

PROF^a.I: Não. Mas hoje que eu sou eu adoro! Gosto muito, muito mesmo da educação!

ENT.: E o que te levou a...

PROF^a.I: Acho que foi o seguinte: Muitas amigas falavam para eu fazer o curso de pedagogia, para eu seguir nessa área. Aí eu queria e não queria. Mas quando eu entrei também não quis mais sair. E hoje posso dizer que gosto muito, muito mesmo!

ENT.: Que bom né? Pronto. Então quer dizer que foi mais a influência né?

PROF^a.I: É. Foi mais a influência, mas que depois deu certo.

ENT.: Ok. Pronto. É só isso.

Fortaleza – CE

04/10/2011

TRANSCRIÇÃO DA 2ª ENTREVISTA

(Prof^a. Bia -*infantil V*)

ENT.: Qual o papel do professor da pré-escola, em sua opinião?

PROF^a. B: O papel do professor, não só da pré-escola, mas qualquer professor é buscar o desenvolvimento do aluno, levar ele a descobertas novas, levar o aluno à aquisição de conhecimentos. No caso da pré-escola, a criança está formando conceitos, ela está ampliando o vocabulário, ela está se desenvolvendo como um todo. Então, na pré-escola a criança adquire, devido o que ela á trás de casa, o que ela já tem de casa, a criança, ela adquire um conhecimento muito grande, desde que ela seja bem trabalhada, não só na escola, mas em casa é fundamental também.

ENT.: Ok. E para você, qual a importância que o professor tem no processo de desenvolvimento das crianças?

PROF^a. B: O professor é uma ponte. O professor favorece esse processo de desenvolvimento. É através do professor que a criança atravessa né? Quando ela chega na escola, ela chega vazia, e o professor é o responsável para ajudar, para ser essa ponte.

ENT.: Descreva da melhor forma como seria o perfil do bom professor da pré-escola.

PROF^a. B O professor da pré-escola tem que ser dinâmico, tem que ser carinhoso, tem que amar o que faz, tem que ter colo, o professor da pré-escola tem que ser mãe, tem que ser... A criança tem que encontrar nele aconchego, tem que encontrar confiança.

Então tudo isso o professor da pré-escola tem que ter. Tem que se despojar né? Não pode ter... o professor da pré-escola não pode ter... Como eu diria aqui a melhor palavra? ... Ele não pode ter nojo, entendeu? Porque a criança vem as vezes suja, ela vem as vezes fedorenta, e a gente tem que deixar tudo isso para lá e acolher mesmo qualquer criança que vier.

ENT.: Tem que trabalhar também com a parte do cuidar...

PROF^a. B: Do cuidar. É. E tentar despertar na criança e nos pais principalmente, porque a maior dificuldade realmente é a família, que não cuida, que manda a criança para a escola do jeito que acorda, ou então a criança trás a tarefinha do jeito que foi... Infelizmente é assim. A criança vem para a escola e ela não é valorizada, o que ela faz na escola não é valorizado.

ENT.: E o que poderia dificultar o surgimento ou estímulo a essas características do bom professor?

PROF^a. B: O que dificulta é o baixo salário, as condições de trabalho nem sempre são favoráveis. Não é o caso aqui da escola, porque essa escola é maravilhosa! Ela é o sonho do professor público, do professor da escola pública. Mas em outras escolas, eu trabalho em uma outra escola de manhã, e a gente não tem a mesma facilidade de material. O que dificulta mesmo é essa falta de trabalho. E acho que o principal, para mim, o que dificulta realmente é a família. É a falta de apoio da família, a falta de cuidado dos pais que a gente não tem. Não encontramos isso.

ENT.: E que conhecimentos são necessários para que um professor de pré-escola desempenhe bem o seu papel?

PROF^a. B: Ah, o professor tem que ter um conhecimento muito grande de Piaget. De Piaget à Pinochet (risos). Mas o professor, ele precisa... Eu costumo sempre dizer que o professor da pré-escola ele precisa ter todo tipo de conhecimento, desde o conhecimento de pronto socorro né? ... Como cuidados básicos mesmo de higiene e também conhecimentos como Piaget e todos aqueles pensadores, porque de cada um a gente vai tirando o que dá para ajudar. Principalmente Paulo Freire me ajudou demais! Porque eu já li sobre ele e do que ele diz, do que ele ensina, a gente trás para a sala de aula e é imensa a ajuda que ele tem nos dado.

ENT.: Em sua opinião, que atitudes e habilidades o professor da pré-escola precisa ter para desenvolver seu trabalho com eficácia?

PROF^a. B: Isso aí já ffo respondido né?

ENT.: É parecida com aquela do papel né? Mas aqui seriam as habilidades. Não seria mas o papel do professor. Seria como, por exemplo, as estratégias que você usa.

PROF^a. B: Habilidades... O professor precisa ser dinâmico, precisa ser criativo acima de tudo. Um professor sem criatividade... Acabou.

ENT.: Principalmente da pré-escola né?

PROF^a. É. O professor precisa pensar para ontem, o da pré-escola. Ele precisa ter, assim, criatividade fora do comum. É tanto que a gente vê colegas que não têm criatividade e as crianças perdem muito com isso. O professor precisa... Porque, por exemplo, se o coordenador pedagógico diz: - Essa semana vamos expor os trabalhos das crianças. Você quer expor o melhor que essas crianças conseguem fazer. É como eu já disse, o professor é a ponte. Então, você é que faz a criança atravessar, você que fez com que a criança chegasse até ali. Então é isso aí. O professor, acima de tudo tem que ser dinâmico criativo e ter amor pelo que faz.

ENT.: Qual a sua formação?

PROF^a. B: Eu sou graduada em pedagogia e pós graduada em Educação ambiental.

ENT.: Ok. Você fez disciplinas, na graduação, voltadas para a educação infantil?

PROF^a. B: Fiz.

ENT.: Quais?

PROF^a. B: Educação infantil (risos)

ENT.: Apenas essa?

PROF^a. B: É. Não. Foram duas cadeiras de educação infantil na pedagogia.

ENT.: Certo. E na sua opinião, os conhecimentos adquiridos durante a sua formação forma suficientes para desempenhar bem o seu papel de professora da pré-escola?

PROF^a. B: Suficientes não. Ajudaram bastante. Mas suficientes não. Porque a gente aprende mesmo é na prática. Praticando e no dia-a-dia de sala de aula é que a gente vai...

ENT.: Há quanto tempo você exerce a profissão de professora da pré-escola?

PROF^a. B: De pré-escola, cinco anos.

ENT.: Então você foi professora de...

PROF^a. B: Já. Eu tenho quinze anos de profissão.

ENT.: Ok. Que fatores contribuíram para a escolha dessa profissão?

PROF^a. B: (Pausa) Ser filha de professor, principalmente. Acho que eu sempre gostei, sempre foi o que eu quis. Sempre foi... E aí veio a faculdade de pedagogia e a gente se

apaixona né?

ENT.: Ok. Obrigada.

Fortaleza – CE

18/1012011

3ª ENTREVISTA

(Profª. Cristina – infantil IV)

ENT.: Qual o papel do professor da pré-escola?

PROFª. C: Bem, o professor da pré-escola tem como função primordial contribuir com o desenvolvimento integral da criança dessa faixa etária, em todos os seus aspectos: Físico, motor, psicológico, emocional, bem como propiciar, no âmbito escolar, atividades que possam estar fomentando esse desenvolvimento, numa perspectiva onde essa criança vai ser instigada, estimulada a gostar e a dar tudo de si no momento em que ela está desenvolvendo essas atividades.

ENT.: Qual seria a importância que o professor tem no processo de desenvolvimento das crianças?

PROFª. C: Bom, ele é o mediador desse processo né? Numa perspectiva bem

Vygotskyana, eu acredito que o professor, ele deve ser aquele profissional que tem que ter conhecimento acerca dessas fases de desenvolvimento da criança como um todo. Ele tem que entender essa criança, porque entendendo as fases do desenvolvimento, as etapas psicológicas que o sujeito passa no seu processo de desenvolvimento... Conhecendo isso, ele vai poder atuar de um modo efetivo e eficaz nesse desenvolvimento dessa criança.

ENT.: Tente descrever da melhor forma como seria o perfil desse bom professor da pré-escola.

PROF^a. C: Bem, o primeiro aspecto que acho importante mencionar em relação ao profissional da pré-escola é que, ele deve ser um profissional que goste de estudar, porque assim, ele vai poder estar interagindo com essa criança, conhecendo essa criança, investigando no seu campo de atuação todos os aspectos que dizem respeito ao desenvolvimento dessa criança e, quando na observação de alguma dificuldade, ele pode estar intervindo de modo a sanar essa dificuldade ou ao menos “estacionar”, se for o caso.

ENT.: E o que poderia dificultar o surgimento ou estímulo a essas qualidades do bom professor?

PROF^a. C: Bem, um fator que limita muito, eu diria, o êxito nessa profissão, é o tempo. O professor hoje em dia não dispõe de tempo para planejar, muito menos para estudar. No âmbito municipal, e aqui eu falo com relação a minha área, à instância na qual eu atuo, não há um tempo determinado para o planejamento, então esse planejamento é feito de forma superficial. Nem sempre há momentos para que o grupo se encontre e congregue e defina questões tanto dos aspectos em termos de conteúdo, como analisar as problemáticas, as dificuldades desses alunos, para traçar metas, estratégias para estar resolvendo essas questões. Então, o tempo é um fator relevante que interfere negativamente no desempenho desse profissional.

ENT.: Certo. Que conhecimentos são necessários para que um professor de pré-escola desempenhe bem o seu papel?

PROF^a. C: Bem, como já falei anteriormente, mencionei em uma das questões acima citadas, eu acho que o conhecimento dessa criança como um ser em desenvolvimento, conhecimentos no aspecto psicológico, do aspecto emocional, das fases de desenvolvimento dessa criança. Porque sem conhecer essas fases de desenvolvimento delas numa perspectiva psicogenética mesmo, ele não tem como, condição, ele não

tem elementos nem teóricos e nem práticos para atuar e intervir no desenvolvimento dessa criança de uma forma eficaz. É impossível. Esse é um dos aspectos que eu acho mais relevantes.

ENT.: Em sua opinião, que atitudes e habilidades o professor da pré-escola precisa ter para desenvolver seu trabalho com eficácia?

PROF^a. C: Comprometimento, eu acho que é uma das atitudes. Habilidades, como falei, também mencionei anteriormente, tem que ser uma pessoa curiosa, tem que ter uma sensibilidade para lidar com essa faixa etária, porque a sensibilidade é imprescindível, porque quando a gente fala de criança, que é um ser em desenvolvimento e é um ser que externa muito tudo o que sente, tudo nas atitudes da criança tem um cunho psicológico que reflete tudo o que ela vivencia na vida dela, como um todo. Então ela é um ser muito espontâneo, é um ser muito rico e muito sincero. Então essa sensibilidade a qual eu me refiro é nesse sentido. O professor tem que ter essa sensibilidade, tem ser comprometido, tem que ter acima de tudo prazer e gostar do que faz, porque se não torna-se inviável o desempenho da função.

ENT.: Qual a sua formação?

PROF^a. C: Eu sou pedagoga e tenho especialização em alfabetização de crianças.

ENT.: Pela UECE né?

PROF^a. C: Pela UECE.

ENT.: Você fez disciplinas voltadas para a Educação Infantil na graduação?

PROF^a. C: Fiz. Pouquíssimas. E um dos aspectos que eu acho muito falho, e aqui eu me refiro até a nossa legislação, à LDB. A gente tem na nossa lei apenas três artigos que contempla essa etapa da educação básica né? É um artigo que diz qual o objetivo da educação infantil; Onde essa educação infantil deve ocorrer qual a faixa etária das crianças que devem estar inseridas nessa etapa. Muito falha, uma lei superficial que não contempla efetivamente e não dá o devido valor a essa etapa do desenvolvimento das crianças tem. Um outro aspecto que menciono, que teve uma melhoria teve, porque até um tempo atrás a educação infantil não recebia verbas, e com o advento do FUNDEB a educação infantil passou a fazer parte, efetivamente, da educação básica, e há um repasse de verbas para essa etapa, mas antes, nem isso. Mas ainda há uma desvalorização grande em relação a essa etapa da educação.

ENT.: Em sua opinião, os conhecimentos adquiridos durante sua formação, na graduação, foram suficientes para desempenhar bem o seu papel de professora da pré-

escola?

PROF^a. C: Não foram suficientes, porém foram relevantes, e eu não diria determinantes, mas contribuíram substancialmente, por quê? Porque você tem um norte daquilo que você tem que fazer, você tem as coordenadas. Até porque a faculdade, a graduação não ensina tudo que qualquer profissional precisa saber para exercer a função que escolheu, o resto é por nossa conta. Se você tem o interesse em ser um bom profissional naquela área que você escolheu, você tem que autonomamente estudar, independente de qualquer questão e buscar o melhor para você.

ENT.: Há quanto tempo você exerce essa função de professora da pré-escola?

PROF^a.C: Na pré-escola esse é o primeiro ano, mas na educação como todo já há doze anos.

ENT.: Ah... E que fatores contribuíram para a escolha dessa profissão de professora da pré-escola?

PROF^a. C: (Risos) Assim, foi uma questão de ordem estrutural mesmo. Não opção por trabalhar nessa série, não. Foi uma questão de ordem da estrutura de funcionamento da escola. É que a cada ano a gente tem o redimensionamento dos professores nas séries onde eles vão atuar e, no ano passado, eu trabalho há dez anos com o 1º ano, não tinha mais turmas de 1º ano para eu dar aula, então me restou essa turma de educação infantil, que é onde eu estou trabalhando atualmente e com a qual eu estou me identificando e acho um trabalho prazeroso, interessante, instigante e não tenho vontade de sair da educação infantil. Tenho vontade, porque acho interessante é você aproveitar e ter a possibilidade de encontrar algumas instâncias na educação infantil e no ensino fundamental, até para poder fazer essa análise, essa comparação e entender o que ocorre nessa criança pré-escolar quando ela chega no ensino fundamental. Com limitações, com déficits, coisas desse tipo, para eu entender e ver em que eu posso estar melhorando, né? A parte dos meus estudos teóricos mesmo... O que eu posso estar propiciando à essa criança para que ela chegue no ensino fundamental com o desenvolvimento melhor, com o desempenho melhor.

ENT.: Então professora de Educação Infantil não foi escolha né? Mas professora, em geral, foi escolha.

PROF^a. C: Mas foi professora, ser professora foi. De Educação Infantil foi consequência do acaso. (Risos)

ENT.: (Risos) Ta ok. Muito obrigado.

Fortaleza- CE

20/10/2011

Transcrição da 4ª entrevista

(Prof^a. Dalila – infantil V)

ENT.: Qual o papel do professor da pré-escola?

PROF^a. D: O papel do professor da pré-escola é de orientar, coordenar o processo de ensino e aprendizagem das crianças, trabalhando a parte da psicomotricidade, da coordenação né? Todo o desenvolvimento da criança, trazendo jogos, dinâmicas para que isso aconteça.

ENT.: Para você, qual a importância que o professor tem no processo de desenvolvimento das crianças?

PROF^a. D: (Confusão entre as palavras) O papel do principal é de exatamente você tornar dinâmica as atividades para que a criança desenvolva dentro de um processo. E o professor é a pessoa mais importante dentro da sala de aula, mas também é necessário ter outros professores na questão da contação de histórias, na questão da psicomotricidade, que é o que vai ajudar no desenvolvimento das crianças.

ENT.: Ok. Tente descrever da melhor forma como seria o perfil do bom professor da pré-escola.

PROF^a. D: O bom professor da pré-escola é o professor que realmente ele é dinâmico, ele aceita o novo. Porque para trabalhar com a pré-escola, primeira coisa: Ele precisa gostar. Além de gostar, ele precisa ser dinâmico, participativo e aceitar o novo, as novidades que estão aí por vir, que a gente sabe que é necessário para o desenvolvimento das crianças.

ENT.: O que poderia dificultar o surgimento ou estímulo a essas qualidades do bom professor?

PROF^a. D: A questão de alguns professores que não têm a questão do dinamismo, que as vezes está na educação por estar, que as vezes escolhe a educação infantil achando que não é nada importante... A educação infantil é a base, é a estrutura da escola. A formação da criança começa na educação infantil. Então o que vai desqualificar algum professor é algum professor que escolhe a educação infantil achando que ela não é importante. E ela é a base da formação da criança.

ENT.: Ok. Que conhecimentos são necessários para que um professor da pré-escola desempenhe bem o seu papel?

PROF^a. D: Ele precisa, antes de tudo, ser participativo, como eu já venho falando, a

questão de ser dinâmico, de aceitar o contar, o rolar no chão, o cortar, o sentar no chão com a criança né? Participar de todas as atividades, porque o professor da educação infantil, ele tem que se tornar criança também para todo o processo acontecer.

ENT.: Em sua opinião, que atitudes e habilidades o professor da pré-escola precisa ter para desenvolver seu trabalho com eficácia?

PROF^a. D: Ah, ele precisa saber, como eu acabei de falar, a questão do esquema corporal, da psicomotricidade, ele tem que ter noção disso, e da coordenação motora, como vai trabalhar a coordenação motora fina da criança, a questão dos jogos, dinâmicas, aulas diferenciadas, não é aquela aula toda tradicional como a gente costuma ver. Mas ele precisa ter tudo novo, tudo assim, bem diferente mesmo para trabalhar com a educação infantil. Ele tem que gostar.

ENT.: Ok. Qual é a sua formação?

PROF^a. D: Eu sou pedagoga, sou habilitada em português e inglês e sou pós-graduada em administração escolar. E estou na educação já há dezessete anos.

ENT.: É por qual universidade?

PROF^a. D: Pela Universidade Vale do Acaraú

ENT.: Tudo isso?

PROF^a. D: Tudo isso.

ENT.: Hum. Legal. Você fez disciplinas voltadas para a educação infantil na graduação?

PROF^a. D: Fiz. Na época da graduação eu fiz algumas disciplinas. Agora eu não estou lembrando, porque faz tanto tempo (risos)... Dezessete anos. Mas eu fiz e vou considerar a educação infantil a base da escola, que deveria ser mais investida, tanto na capacitação para os professores né? E para a escola também.

ENT.: Mas aí você não lembra nem o nome e nem a quantidade de disciplinas né? Mas que fez, fez.

PROF^a. D: Não, não lembro, faz tanto tempo, mas fiz, fiz.

ENT.: Em sua opinião, os conhecimentos adquiridos durante sua formação, a graduação, no caso, foram suficientes para desempenhar bem o seu papel de professora da pré-escola?

PROF^a. D: Só na graduação não. Não tem como a vivência e experiência dentro de sala de aula. Você adquire novos conhecimentos. Não tem como você experimentar, você vivenciar. Só a faculdade não. Mas o meu tempo de serviço de dezessete anos

que eu tenho, aí sim, fez com que eu adquirisse novos conhecimentos.

ENT.: Ok. Quer dizer que a prática...

PROF^a. D: Eu acho a prática é fundamental. Só a teoria não, mas tem que ter a prática.

ENT.: Há quanto tempo você exerce a profissão de professora da pré-escola?

PROF^a. D: No total na educação eu estou há dezessete anos. Na pré-escola eu comecei, passei cinco anos de maternal, depois fui para as classes de alfabetização e fui até o ensino médio. Hoje voltei de novo para a educação infantil. É uma área que eu gosto, que me sinto bem, que eu faço bem, é uma coisa que... né? Não que eu não goste das outras séries, mas eu me encontro na educação infantil. Faço um trabalho bem feito, a gente vê o desenvolvimento das crianças e eu gosto.

ENT.: Mas assim, pré-escola hoje é quatro e cinco anos né? Há quanto tempo você atua nesse nível de pré-escola?

PROF^a. D: Faz mais de cinco anos.

ENT.: Cinco anos né?

PROF^a. D: Faz muito mais.

ENT.: Mais de cinco, mas menos de seis?

PROF^a. D: Mais de cinco.

ENT.: Cinco e pouco?

PROF^a. D: É. Cinco e pouco.

ENT.: Que fatores contribuíram para a escolha dessa profissão de professora da pré-escola?

PROF^a. D: Eu comecei na pré-escola né? Eu comecei com as turminhas de maternal. Então, assim, eu acho que foi o gostar de crianças que fez com que eu me identificasse. Quando eu comecei no maternal eu gostava bastante, então fez com que eu estivesse na educação infantil.

ENT.: Certo. Pronto. É só isso. Obrigada!

Fortaleza –CE

25/10/2011